

# AUTORES & LIVROS

24-10-1948  
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.

PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 11  
Vol. IX

## Noticia sobre Leonardo do Vale

Leonardo do Vale nasceu em Bragança, Portugal, provavelmente em 1556. Veio citado o seu nome por Simão de Vasconcelos, como o de um dos fundadores de São Paulo. Parece ter chegado ao Brasil em 1553. Terá vindo, então, no mesmo ano em que vieram Antônio Rodrigues e Gaspar Lourenço. O Catálogo de 1557-1558 dá-lhe o nome de Antônio do Vale; isso, porém, é um lápó.

(Continua na página 135)

## Bibliografia de Leonardo do Vale

— VOCABULARIO NA LINGUA PORTUGUESA-TUPI do século XVII coordenado e prefaciado por Plínio Airosa, Vol. XX da Coleção do Departamento de Cultura, S. Paulo, 1938.

Não traz declaração de autor. Aparece a primeira menção a esse Vocabulário em maio de 1592 na 4.ª Congregação Provincial dos Jesuítas, reunida na Bahia. Juntamente faz-se menção ao Vocabulário à Arte (de Ancheta) e à Doutrina Cristã (de Marcos Jorge, mais tarde intitulada Carilha do Meia Inácio — Padre Meia Inácio Martínez).

Este manuscrito supõe-se ter sido composto em Piratininga em 1542. Pertence aos livrários Maggi Bros. de Londres, que o venderam a Felix Pacheco, venuado, depois da morte de Frei Henrique ao governo de São Paulo, tornou emitir editais por Plínio Airosa, encarregando de tal tarefa pelo Departamento de Cultura daquela instância.

— VOCABULARIO DE LINGUA GERAL DO BRASIL, em ms., existente na Biblioteca Nacional, a ele se refere

A. Lemos Bartosa, que versava de mesma obra publicada por Plínio Airosa — O Vocabulário na Língua Brasileira.

Eis como aquele ms. vem descrito no Catálogo da Exposição de História do Brasil, 2.º volume, p. 1.101:

“11.881. Dicionário de Língua Geral do Brasil (3. N.). Cópia por letra do XVI século. E outra de 72 pp., não num. medindo 19 centímetros de altura por 14 de largo. Em português e tupi ou guarani. Não traz nome de autor, nem título. Faltam as letras A e B, começando pelo vocabulário — Unidade Humana sem Corpo, ‘‘Anacanqueira’’.

Segue-se uma nota à mão: “Tenho uma cópia completa na coleção Martins” (Reinherz).

Lemos Bartosa verifica que esse Codice da Biblioteca Nacional é mais antigo e também mais correto que o de São Paulo.

— Nuovi Anti, Venetia, 1565, 4.ª parte.

Traz, sem nome do autor, uma carta de Leonardo do Vale.

— CARTAS AVULSAS — 1550-1568 — PUBLICACOES da

## LEONARDO DO VALE, AUTOR DO PRIMEIRO VOCABULARIO NA LINGUA BRASILICA (1591)

Serafim Leite

O estudo metódico do Tupi começou com a chegada dos Jesuítas em 1549, e em todos os lugares, por onde logo se repartiram, constituíram-se centros principais desse estudo, a Bahia e a Capitanias de São Vicente. Na Bahia assimilou-se particularmente João de Azpilcueta Navarro, coadjuviado pelo “Caramuru” e outro português de Porto Seguro; S. Vicente, porém, sobressaiu como primeiro centro desses estudos, pela entrada na Companhia quer de homens feitos e antigos na terra, conhecedores práticos da língua, Pedro Corrêa, Antônio Rodrigues, Manuel de Chaves, quer de jovens, que vieram ao Brasil com suas famílias e no grupo de oficiais Leonardo do Vale, Gaspar Lourenço e outros. A este grupo de línguas se reuniu José de Ancheta, chegado também ainda em plena juventude.

E entrou no espírito geral a necessidade de uma trilogia linguística a princípio inorgânica, sem dúvida, mas que depois se impôs definitivamente: Catecismo (necessário à função da catequese); Arte de Gramática (para o aprendizamento racional da língua); Vocabulário (para a arregimentação metódica das palavras que facilitasse a aprendizagem).

Nóbrega, na Capitania de S. Vicente, foi a alma desse movimento, distribuindo as tarefas: a Ancheta, humanista e gramático de Coimbra, encarregou a Arte, a Pedro Corrêa, Antônio Rodrigues e a outros, as orações e a doutrina, mas com a preocupação inicial de as uniformizar as fórmulas,

— “texto único”. Quanto aos vocabulários, cada qual organizaria para o seu uso, listas de palavras ou “princípios de vocabulários”, de que todos participaram. Até que, enfim, se encarregou a quem mais se tinha distinguido nesse trabalho antepreparatório, o Irmão, e depois Padre, Leonardo do Vale, a organização definitiva do “Vocabulário na Língua Brasílica”.

Tanto das Artes de Ancheta e Luís Figueira, como do Catecismo de Antônio de Araújo, e edições respectivas, já está feita a história. Do Vocabulário também, em 1938, na História da Companhia de Jesus no Brasil, com a seguinte conclusão:

“No estudo atual dos nossos conterrâneos históricos o Vocabulário na Língua Brasílica (édice Piratininga de 1622),

obra certamente dos Padres Jesuítas, tem que ser filiar em Leonardo do Vale, sem excluir, é claro, prováveis remodelações e aperfeiçoamentos ulteriores, inclusive do próprio Ancheta. Este recuo no tempo dá-lhe incontestavelmente maior valor” (1).

Numa História Geral, como a que escrevemos, não é lícito seguir as ramificações particulares dos assuntos de que ela se entretece, inúmeras e de infinita variedade, desenvolvendo só admisível em monografias autónomas e especializadas de pessoas ou obras, como objeto direto.

A publicação do Vocabulário na Língua Brasílica pelo Ilustrado Professor Plínio Airosa, da Universidade de São Paulo, a sua atualidade e importância, convida-nos a uma exceção.

Em maio de 1592 reuniu-se na Bahia, convocada para o dia 26 de maio, a quarta Congregação Provincial dos Jesuítas do Brasil. Assistiram:

Marcel Bellarie, Provincial;

Luís da Grá, antigo Provincial;

Inácio Tolosa, Reitor do Rio de Janeiro;

Quirílio Caxa, Procurador da Província;

Pedro Rodrigues (que, findo

(Continua na página 135)

PUBLICAÇOES DA ACADEMIA BRASILEIRA

II — HISTÓRIA

CARTAS JESUÍTICAS

JJ

## CARTAS AVULSAS

1550 - 1568



1931  
OPFÍCIA INDUSTRIAL GRÁFICA  
RUA DA MINERALINA, 74  
RIO DE JANEIRO

Página de título das Cartas Avulsas, edição da Academia Brasileira de Letras (1931). Dessa obra faz parte o trabalho de Leonardo do Vale, referente à peste na Bahia, que adiante vai publicado.

## SUMARIO

PÁGINA 125:

- Leonardo do Vale
- Bibliografia de Leonardo do Vale
- Fontes sobre Leonardo do Vale
- Leonardo do Vale, autor do primeiro “Vocabulário na Língua Brasileira”, de Serafim Leite.

PÁGINAS 226 E 227:

- A peste na Bahia — (Carta ao Padre Gonçalo Vaz), de Leonardo do Vale.
- Alguns Verbetes de Leonardo do Vale.

PÁGINA 128:

- Dois poemas de Moyses de Oliveira:

I — Meus dias sem você...

II — Insônia.

- O Recife de Coral, de J. M. de Heredia. Traduções de Silvio de Almeida, Alberto Pará, Freitas Guimarães, Olegário Mariano, Lucio Mesquita, Mario Limoeiro, Severino Montenegro, Alvaro Martins e Carlos Brandão.

PÁGINAS 130 E 131:

- Antologia da Literatura Brasileira contemporânea — Série — Antologia da Poesia — XXV — Agripino Grieço:

- Nota sobre Agripino Grieço.
- Bibliografia de Agripino Grieço.
- Algumas fontes sobre Agripino Grieço.
- Autógrafo de Agripino Grieço.
- Viajando, de Agripino Grieço.
- Os dois últimos capítulos de Isalas, de Agripino Grieço.
- José Albano, de Agripino Grieço.

PÁGINAS 132 E 133:

- A Vida dos Livros.

PÁGINA 134:

- O Grande Sacrifício, de Mário Leão.
- Agripino Grieço: sempre escritor, de Ubaldo Soares.

PÁGINA 135:

- História do Jornalismo no Brasil: Francisco Otaviano.
- Notícia sobre Francisco Otaviano.
- Bibliografia de Francisco Otaviano.
- Algumas fontes sobre Francisco Otaviano.

PÁGINA 136:

- Álbum de Guiñard N.º 8 — Outro Preto, Bairro de Antonino Dias.
- Poesias completas, de Rommundo Correia.

## AUTORES E LIVROS E SEUS ASSINANTES

Todo aquele que tomar uma assinatura de “Autores e Livros” se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de “Autores e Livros” vendia-se a cinquenta centavos, na base em que essa publicação era o suplemento literário de “A Manhã”. A coleção completa de “Autores e Livros”, de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou revolucionada por cento e cinquenta inscrições, o que, ao preço da sessão, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje raramente aparece, custa hoje de seis a dez mil cruzeiros.

Fazendo sua coleção de “Autores e Livros”, que estará ganhando um trabalho destinado à maior valorização

As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-6-1948).

# A PESTE NA BAHIA (Carta ao Padre Gonçalo Vaz)

LEONARDO DO VALE

Algumas particularidades escrevi com as derradeiras cartas que de cã foram dos ritos deste Gentio e principalmente de uma notável cegueira que antes entre elas ha, a que chamam Santidade (20) que é vir um fetiche desconhecido, que, com nome de Santo e como Profeta vindo o Céo, lhes traz nova de coisas que não se acontecer, e tudo redundava em carnalidades e vícios diabólicos, o qual tudo comumente pagam com fomes e mortandades com que Deus Nossa Senhora os castiga e nem isso basta para deixarem de lhar crédito e correrem com mais fervor a isto que muitos Cristãos a grandes perdões, como ainda agora ha bem poucos meses fizera, como já escrevi. E quanto isto é mais grave neste tempo em que o Senhor os chama para os convites e prazeres eternos, que no outro em que nem um lume nem caminho havia, tanto a Sua Divina Justiça mais se accendeu contra elas, quia si Dominus non venisset et ei focuras non fuisset, peccatum non haberet, nuc autem, etc.

De maneira que seu peccado foi castigado com uma peste tão estranha que por ventura nunca nestas partes houve outra similar; alguns querem dizer que se pegou da nau em que veio o padre Francisco Viegas, porque começou nos Ilheos, onde ella foi aportar; mas parece mais certo ser aqute do Senhor, e começar donde os romeros primeiramente começaram a correr a Santidade que andava pelo sertão a dentro, e mesmo se pode dizer da fome que quasi geral uniu elles, porque nessas terras nem a agua nem o munto sol causa fome como em Portugal e outras partes, mas em todo o tempo que uns quizer trabalhar a por o terço da diligências que põem os lavradores da Beira e Alentejo terá que comer e dar, polo que se não pode atribuir a outra causa, simão a querel-los Nossa Senhor castigar por esta e outras culpas e juntamente tomá-los por verdugos pera os Christianos, que também foram muita causa de seus desarranjos polas perseguições que achava disso com que lhes quebravam os animos pera não poderem rocar e viver quietos, e agores se lhes vêm meter polas casas e fazendas a comer-lhes os mantimentos, tão miseráveis que muitos não têm coração para os botarem. E alguns que acertam de ir a parte onde falta esta brandura de coração e vendo que os botam, commetem que os comprem e se fazem escravos e tal houve que nem por escravo o queriam; se fizessem para que, vendendo-o que engatava já ferrado, o tomasse.

Mas tornando à peste, para que houvessem menos assor pera escaparem della os delinqüentes, ocupou-lhes juntamente o sertão e courela do mar e assim vnu mui de vagar, correndo para cá até chegar a Taparica onde se deteve muito tempo pola distancia que ha dell. a esta cidade e intervallo de mar.

Não se lhes pôde, caríssimos, pintar o trabalho que seus Padres e Irmãos padeciam, naquelas tre sádeas que a peste tinha, ocupadas, scilicet: Nossa Senhora da Assumpção, S. Miguel e Santa Cruz de Taparica, porque a mortandade era tal que havia casa que tinha 120 doentes e ás uns saltavam ja os pais, a outros os filhos e parentes e, o que peior é, as irmãs e mulheres, que são as que fizeram tudo, tirando destruído mato, que é dos homens e dasfias é prantar e mandar e colher e fazer a farinha e cosinhar, polo que faltando elles não havia quem olhasse pelos doentes, nem quem fosse por um calaco d'água á fonte, e a tudo isto era necessário dar os Padres remedio, sórora



Página final do VOCABULÁRIO NA LÍNGUA BRASÍLICA, de Leonardo do Vale. Edição Plínio Airoso (1938).

haverem de apparelhar a uns para o ouvidorio a outros para a confissão, o que tudo era mui transiioso, porque muitas vezes lhes era necessário estarem algumas horas de cocora em similares obras, por estarem muitos juntos e tão docentes que não era possível mudarem-nos para outro lugar, além de não haver quem no fizesse.

E muitas vezes o fedor que padeciam, que o estarem de co-corsa tiravam os peccados como por força, pola fraquezas dos enfermos, porque além do fedor que a doença podia causar em doentes tão desamparados, havia muitas muriheires e prenhes que tanto lhes davam o mal as deuitava de maneira que batavam a creança, ficando-mes as parentes, de que procedia fedor insofrivel ate que morriam, e destas prenhes quasi nem-uma escapava por toda a terra, nem menos as criancas, a muitas das quais acudiam os Padres, por que traian ja as maes em oho por terem quasi certo haverem de adocer e bautizavam-nas e muitas era de maneira que parecia esperaram so aquele sagrado lavacero para poderem ser receitadas de seu Criador — e acabado de o receber expiravam e ali no chao onde nasciam, porque nem parteiras haviam que as levantassesem, nem as maes tinham espirito para isso e umas, pariam na roupa e outras no monturo.

Finalmente chegou a cossa a tanto que já não havia quem fizesse covas e algumas se enterravam polos monturos e arredor das casas e tão mal enterrados que os tiravam os portos, e os Padres não puderam nisso cobro, foram ajudas para a peste mais se acender e, o que é mais pera doer, que muitos morriam sem confissão e sem bautismo, porque era impossivel acudirem doulos Padres a tanta multidão como sempre havia, porque, si morriam 12, cahiam 20, com a sua diligencia ser tanta que nem pera comer nem pera dormir nem pera rezar tinham tempo certo, porque todo (quasi) dia de dia como de noite gastavam em enterrar, fazer covas e aceder a estas presas e era cosa milagroso não morrirem com tanto e tão continuo trabalho como padeciam: Iudavia adoceda em Taparica o padre Gregorio Ser-

rá depois de alguns meses desse exercicio de caridade e adoceda de maneira que chegou usque ad portas mortis, e seu muitos motivos de desconfiança por muitas vezes, mas viu Nossa Senhor a fata que na sua vinha faria por seu linguia.

Bem me parece que em cada uma dasquelas tres aiedas morriera a terceira parte da gente, porque só em Nossa Senhora da Assumpção haveria douas meses que ouvi dizer que eram mortas 1000 almas, e com tudo isso diziam os Indios que não era nada em comparação dos mortuários que a poio servia a dentro, que ainda tanto nos quis Nossa Senhor favorecer para elles acudirem de crer que, não pela conversão dos Christianos nem por causa da doutrina, mas por sua cegueira e pensamentos rios, lhes veiu o castigo como alguns da Taparica confessavam, dizendo que nem os avisara o Padre que ninguem passasse para a banda de alien de Perapacum em quanto la andasse a Santidade e que alguns revelavam que la foram sem querer dar por isso trouveram della a morte.

Muito tempo se deteve esta peste daquelle banda, mas por receudas de seu Criador — e acabado de o receber expiravam e ali no chao onde nasciam, porque nem parteiras haviam que as levantassesem, nem as maes tinham espirito para isso e umas, pariam na roupa e outras no monturo.

Porque tão bravamente deu pola escravaria, que não só os salteados e mal resgatados mas os de bom in titulo e ladinos que muito preservavam e os de Quiné lhes morriam em douas dias, sim, aproveitavam sangrias nem medicinas.

Casa houve onde morriam 90 e 100 peças, e outras onde não ficou quem fosse pola agua a fome, e por entanto não haver neste collegio outro lingua sínia eu, me era muitas vezes necessário andar a mor parie do dia fora de casa, de uma casa em outra, bautizando uns e confessando outros, e acodia algumas vezes na sumana a uma povoação que está mal legua desta cidade.

Porque como alguns calizam já os conta e dizem pera assi a vontade do Senhor polos castigar, trabalhavam já que lhe haviam feito perder sua liberdade, por lhas salvar as almas ne peior priorie error fierit, e pera isso não tinham a quem

se socorrer simão a nós, polo que era necessário andar sempre vigiando sobre estas necessidades, e já me aconteceu levar o diurnal escondido na mão e ir rezando muitas horas por algumas ruas e logares escuras.

Depois de gastada a mor parte da escravaria, começo-se o mal a estender ao longo da costa para a banda de Fernambuco e já deu em duas das nossas egrejas, scilicet: em S. Paulo e Santiago, onde é morta muita grande somma de gente em muito poucos dias.

Tendo a caria nestes tempos foi necessário deixal-los por dous ou tres dias por o Padre Provincial me mandar com outros dous Padres e um Irmão Lingua acudir a uma fazenda aonde a peste tinha feito grande estrago.

Todos fomos mui espantados de ver a multidão de escravos que ali havia doentes, de que as tres partes eram pagões, assim adultos como inocentes, os quais era lastima ver estar sobre o peito das mães, morrendo sem ter já nelas que chupar nem algum remedio pra a gonorrea.

Ali passamos uns dia, pouco mais ou menos, de continuo trabalho e bautismos 70 e tantas pessoas e confessamos e casamos alguns, que sendo cristãos, viviam em mau estado e isto com não ajudarinos simão aquelles que provavelmente parecia haverem de morrer e vindos nós pera a cidade folhos necessario dormir em uma fazenda que estava no caminho, por nos anoticer logo em partindo e ao outro dia em amanhacendo, estando um de nós confessando uma escrava que ali estava muito mal e fôra de mão para a confissão, si aviso ali não fôramos ter, chegou um recado de um engenho que havia atraç e é duas léguas da cidade, cujo senhorio nos mandou chamar com licença que dizia ter do Padre Provincial para irmos acudir a outra similaridade necessidade.

Fomos, mas era tanto já e o capuzo e deixamento ainda nos mais diligentes e caritativos, que não havia quem pudesse fazer nada, porque ate o estar assentado em uma cadeira era mui dificil; mas finalmente, depois de cumprirmos com nossa obrigação o melhor que pudemos, nos partimos bem tarde e chegamos a este collegio perto das 9 horas da noite, e como noissa ida fôra da cidade fizera nella faltas, logo ao outro dia em amanhacendo me foi necessário ir à povoação que disse acima, por me viram chamar á pressa e entanto acudiram os compatriotas a outras da cidade.

Fallando eu um destes dias com um mancebo de Fernambuco nesta peste, e dizendo que vieram dos Ilheos, ele disse que antes vinha de Fernambuco, porque elle viera resguardado ao longo da costa e poi elle vira fôrta destruição que se não podiam enterrar uns aos outros e onde antes havia 500 homens de penteia não havia agora 20.

Por isto parece ser geral, e segundo a causa val, não poderia escapar os que mataram nisso cobro, foram ajudas para o Bispo de ser tomados no melo, pois juntamente a peste vai de cã e vem de Fernambuco, e alem delles outro Principial, que haveria 3 annos que dagui fugiu e levou consigo 300 e tantas christãos, quasi todos inocentes, e chegando com muito risco de sua vida a um lugar aonde elle parecia estar seguro dos Brancos, assentou e fez gente, com que agora faz crudelissimas guerras, nem creio que ha agora outro de sua fama, porque persegue tanto o gentio comarcho que se vai se abrindo de todos. Mas ja o aquece se lhe vai tanto chegado, que mui perto donde elle está feraim pouco ha estes hos-

sos Indios movidos da cólica de ter, parecendo-lhes que os Gentios estavam taes que ainda que era longe poderiam captivar a seu salvo, como de feito mataram e captivaram muitos, e segundo ficaram cevados, ai o Governor não estorvar towarem lá, como desejam, porque que chegaria a este tyrano que digo, ut profut et dñm macta operante, tum divino, tum humano gladio cadent, cum agmine suo, residuo vero in exilium, et nationi captivi ducantur.

Por aqui poderão, caríssimos, conhecer quão diferentes modos se podem ouvir dar da prosperidade do Gentio do que os annos atraz passados escrevi, porque bastava a fame para tirar todos os prazeres e causar muitos desconselhos, quanto mais tais maneiras de perpendiculars que se pode bem dizer, residuum eructa comedunt locuta et residuum fuscata comedunt brachia etc. Queria o Senhor por quem é usar com elles e comoseco de sua misericordia para que livres de tantas aflições possam tranquilamente vaquir aquellas coisas que fazem a sua salvación.

Quem pudesse de tantas perdas chorar só una, que é a perda de tantos innocentes causada por toda a terra a fome e desamparo tão de morrer e para sempre carecer da beatifica visão! Mas, pois é certo que nada se faz sem a vontade e disposição divina, resta dizermos com Job: *Dominus dedit, Dominus abstat!* ist non men ejus benedictum in secunda, porque impossivel causa é navegar toda a vida com um vento ao menos tal e tão provelto, como o que agora, chegado eu a este passo, nos mette a armada pola barra, o que tanto ha desejavamos pola vinda de nossos dilectissimos Irmãos, in quorum dilectissimos amplerius nre nobis dñ optatum est. Agora nos mandaram da aldeia de Santiago que neste mes de Abril se bautisaram 84 pessoas in extremis e todafalceram; afora os christãos antigos, dos moços da eschela 85 doentes 48.

Muito trabalho nos dia a academia destas gente nos tempos de dengues, porque quase tantas morrem della conmo com a peste.

Pouco ha que visitando su uma escrava doente, lhe perguntei se tinha algum impedimento para se poder confessar e elle respondeu que Fudo, por um escravo que morrera, fôra seu amigo muito havia e que por isso estava de maneira que tu via que era bem no cabô.

Oulta da mesma maneira, morrendo-lhe o marido, pediu bem que lhe queria se foi largar na rede dizendo: *Quero morrer, e assi morreu, defendo-se muito só.*

Também ha bem poucos dias que onde esteve a séde de São Paulo, porque se mudou ella tendo os Indios grande aguado aquelle lugar, dizendo que quantos a essa iam morriam, viu um Indo na metade do dia uma pombeira pera da igreja que estava já sem portas, e atirando-lhe com um arco entrou-lhe a trecheia pola porta da igreja e indo por ella diz que viu estar um homem amortiado a um Padre revestido que o estava encomendando, o qual não tez mais que subir fôra e ir contar isto a algumas pessoas que ali ficaram em uma cabana, e despedindo-se della, caiu morto, com que parou os outros terão maior temor ao logar e será ainda pera mais morrerem, porque aterciou de estar aquelle logar na estrada dessa cidade, por onde não podem deixar de passar sem deitarem mui.

Agora nos vieram novas que a peste chegara a uns poucos adianto ate a aldeia de São João que era a que estava mais prospera assi de gente como se

# A PESTE NA BAHIA (Carta ao Padre Gonçalo Vaz)

mantimentos e de tal maneira que dã que quasi em um mesmo tempo cas o marido, mulher e filhos, genros e noras, polo que não podia deixar de haver trabalho semelhante aos que acima disse.

Mas quer Nossa Senhor, por começar a remunerar estes trabalhos dos nossos Padres, e lhes ascender o fervor com que ele quer que os faça serviços re lhe façam, que ha poucos ou nem um que engelte os conselhos que pera a sua salvação lhe são dados; mas antes com grande fervor e instância pedem ser bautizados com palavras tão eficazes que a nos mesmos põem espirito e admiração, e nos faz crer que não será necessário esperar por seus filhos e netos (como alguns poucos experimentados e que pouco ou nada delles sabem, alguma hora quiseram dizer) para se poderem entre elles ver verdadeiros cristãos que de coração creiam ser o bautismo e fé de Nossa Senhor Jesus Christo unico remedio de sua salvação e caminho para chegarão, não à vida boa e compriida que seus feiteiros lhes prometem, cujo termo em sua comprição não é mais que até serem tão velhos que as canellas das pernas sejam agudas como facas, que por estas palavras o dizem elles aciléct; com ossos e pelas tal; não à vida quase morta nascit et nullus temporis spatio terminat.

Indo um dia destes um Padre a chamado de um que estava doente, disse-lhe o doente: Assenta-te, pac, e logo começou

uma comprida pratica em que lhe ditou que o bautisasse, que elle não queria outra cousa senão ser christão e filho de Deus, que não seria termoso, havendo tanto tempo que vivia a par da igreja e orando em Deus, não ser bautizado e ir-se caminho do inferno, repetindo isto muitas vezes e dizendo: Eu não sei quando hei de morrer, porque a morte não nos avisa primeiro nem dia o dia em que ha de vir. Bautiza-me em quanto estou em meu vise porque não sei si o perderei! faze-me filho de Deus porque não queria sinto tr ver este incomum (sc: a gloria) que fu pregu. E outras muitas cousas que seria longo de contar, e tudo com tanta eficacia que mereceu, depois de bem instruído, alcançar o effeito de sua petição. E dahi a do dia se foi a ver seu Creador.

Outro, estando doente, era mui a miúdo visitado dos Padres por ver si o podiam mover a deixar uma de duas mulheres que tinha, e deixando um dia de o visitar pela grande dureza e obstinação que sempre nelle sentiram, quis Nossa Senhor dar-lhe julgo para ponderar o perigo em que sua alma estava, e mandando elle mesmo chamar o Padre disse-lhe em o vendo, depois de um grande e sentido suspiro que deu: Pac, eu estou muito ansiado contra ti, porque não fazes a mim o que fazes aos outros. Quem foi o primeiro que veio para a igreja? Quem o que nella entra primeiro pôde ventura não sou eu? fui eu por entanto das que

fugiram? A mim não queres tu bautizar que nunca te desamparei; e no tempo da fome e fome que fui fôr: e bautizas nos que fugiram, deixando-me tu que sempre cri em Deus e tuas palavras e deixei ser christão. Bautiza-me e não me querias botar no inferno; faze-me que no ceo, porque não quer o bautismo para outra cousa. E entre muitas cousas que o Padre lhe disse, respondendo a suas compridas resdes, lhe disse que muitas vezes lhe fallaram como elle sabia, mas que o ter elle duas mulheres que era contra a lei de Nosso Jesus Christo, lhe impedia e gozava muito havia de tamando bem como era vel-o christão, e que elle nunca tirara o impedimento; mas que, si agora estava com propósito de deixar uma delas, elle folgaria muito, e que atén da saude d'alma que com o bautismo alcançaria podia ser que Nossa Senhor lhe dariam também a do corpo. O que elle disse era mui contento do fazer, que elle casaria com uma delas e a outra casasse o Padre com quem quisesse. E apurada uma das feitas as mais diligencias que o negocio requeria, foi finalmente bautizado e casado, com o que ficou tão satisfeito que parecia o grande contentamento lhe haver ser ajuda para recuperar a saude corporal e prazer a Nossa Senhor que escaparia per confusão do Demônio e de todos aquelles a que elle mette terror, com o bautismo, diante que elle tem a morte.

Outro Principal da mesma aldeia, a quem o Governador fez merrinhe polo grande amor e affeção que tem a nossas cousas e costumes, adotou com toda sua casa, andando elle esperando oportunidade para com outras muitos se bautizar por que se presam elles muito de ser em bautismo geral, onde se ajuntam muito, assi os coimarcos como de outras partes longe onde os elles mandam convidar, para verem as festas e solemnidade com que se bautizam; commeteu-lhe o Padre que o levaria para casa, com o que elle muito folgou por não ouvir tantos como ao redor dele gemiam, e o Padre não menos por melhor com elle exercitar a caridade, assi na corporal como no espiritual, polo legar que estas doenças agora dão, si se homem não anticipa.

O tempo que em casa esteve, indo-se chegando a morte corporal, chegava-se a tam bem quanto podia pera a vida espiritual apercebendo-se para o bautismo, e dalli mandava chamar os outros Principaes, aos quais ameaçava que fossem bons, e parecia outro Jacob que dava a bênção aos filhos, porque a um encorremendava una cousa e a outro outra, dando-lhe parece, a traça do que haviam de fazer e como se haviam de haver depois de sua morte. Posto que polo tempo em diante a sentindo alguma melhoria, não deixava de fazer instancia que o bautissem e, chegada a hora em que finalmente se havia de bautizar, disse elle ao Padre que não queria outra cousa senão a Deus e a sua casa, que nella o bautissem e fizesse levar polos filhos a igreja e mandou assentir all os homens e assentado em uns cadeiras disse:

"Cuidados eu que havia de ser aquelle por que muitos se haviam de morrer do mesmo e que juntos nos havíamos de bautizar grande numero, mas ainda que eu seja só, eu terrei cuidado, si eler de os incitar a isso. Vejam elles o que eu faço e não haja daqui por diante quem atá não queria bautizar, si em rirer embora; e si não, irei ver Deus, porque, quando crescermos no corpo e estade, para morrer crescemos. E outras muitas coussas de que assim mostrou ser movido polo Espírito Santo e não por outro algum fum humano. Quiz nestas resdes usar de seu proprio phrasa e modo de falar por dar mais clara intelligencia de seu saber a quem alguma por ventura querer julgar e sem ressa por incapazas dos sacramentos, ille iuvius iudicium immolemento qui corde et renes scrutinari, o qual sabia mui bem o que nelas tinha quando por sua infinita bondade ordenou vieram a terra estes fracos instrumentos, por cujos meios cremos estarem na gloria muitos milhares, assi de inocentes como de adultos que morreram com grandes mostras de verdadeiros christãos. E a intenção porque também não curo de ornar suas palavras é por mostrar que, si nelas falta a policia dos rhetoricos e philosophos e não fatta o sepelet ob sobrietate, que o Doutor das Oentes achava ser necessario á salvação de seus disci-

pulos, pois si in ligno viridi hoc sit, in sicco quid sit? Quero dizer que muitas são as maravilhas que o Senhor ha de fazer in Tiro et Sydone polo tempo em diante, pois em este primeiro, não sendo ainda bem secas as caveiras e ossos dos comedos e havendo tão pouco que começaram a inclinar o ouvido á palavra do Senhor, se vem tão claras mostras de lumo com que suas antigas trevas são aluminadas.

Dos logares onde até agora rainou a peste temos novas haver cessado e estar tudo quieto, especialmente em S. Miguel, que é uma das tres que estão mais perto dos Ilhéos, donde os Padres escreveram estarem todos mui pacíficos e contentes, abastados de mantimentos e muito amigos dos Padres e obedientes para tudo o que delles querem, mas contudo não muitas travessuras dos Brancos. Apparelham-se muitos pera se bautisarem, pero o que assi de lá como de todas outras igrejas importam o Padre Provincial que os vá bautizar, o que o Padre não deseja menos, mas com muita vantagem si suas más disposições o não estorvarem ou os medicos que tanto o refrelem e encarecem o mal que nem polo cidade o querem deixar andar; mas já me parece que não considera mais carcer de tão grande recreação e descanso, como pera elle é fazel vontade aos pobres Genitos que com tantos desejos o esperam, pero por elle serem curados de suas doenças espirituais esquecendo-se das suas proprias corporaes, como sempre faz e tem por costume.

Queria Nossa Senhor, por quem é, dar-lhe as forças necessarias por tão grande obra e a nós graça perfeitamente em tudo obedecermos, abnegando o proprio parecer e vontade, porque possamos ser verdadeiros cooperadores em coussas tão santas e para isso pedimos ser mui especialmente encorremendados em os devotissimos sacrificios e ferventes orações de todos os reverendos Padres e caríssimos Irmãos desse Reino.

Desto collegio de Jesus, cidade do Salvador, hoje 12 de Maio de 1948.

Por commissão do Padre Provincial,

Inutil servo de todos em o Senhor Jesus.

ACABA DE SAIR!

## FUGA



Moema Ferreira

O segundo livro da vitoriosa autora de MEUS VERSOS

## FUGA!

O LIVRO DO MOMENTO!  
POETICO! — SINCERO! — ORIGINAL!

A vetrina nas principais livrarias  
Pedidos a BATISTA DE SOUZA & Cia  
Rua da Misericórdia, 51 - Rio de Janeiro

## Alguns verbetes de Leonardo do Vale

### FEITICEIRO

"Pág. Fajeanhalha". Alqua diferença far entre estes dous porquê o espírito do primeiro em favo: comum, como é dar vitoria nas guerras, etc. e similia; e por isso ajuntam muitas véses a este nome, catu ut Fajenata, i.e., bon.

O espírito deante se chama Guejupla.

O outro é inclinado a matar, e causar diversas enfermidades, ferres e fazer auestaril o peixe das pescarias, etc. E por isso tem por adjetivo siba 1. angaria silicet mnu. E são muitos os diablos de que se ajunda. Também se chama Mocançujara, senhor em s mezinhas ou festigos, pelois que faz pera matar".

### CASAS DE INDIOS

"Vão como de cama; Igbigia. O mesmo se diz das casas dos indios "porque a media de cama ou pau furado, entram nelas por um cutão e saem pelo outro".

### UNTAR COM AZEITE E O URUCU

Aipitub. "Isto usam ou pesta ou por mezinhas para os pés quando vêm despedidos do caminho e umas vezes é de

meio pé por diante, outras até meia perna, outras todo o corpo".

### VINHOS

"Vinho qualquer: Caay. Vinho de uvas: Caeayaia, Caoyete, Caoyuana.

Aos seus "vinhos" os Indios poem-lhe o nome de que elses são se é necessário declará-los, ut:

Alpidig, s. vinho de aipi.  
Nanaig, s. vinho de ananases.

O que elles chiamam Bejutinga-gig o qual leva por fermento uns certos pâes de milho que elles guardam de muitas dias nos "jurás", o qual o faz muito forte e chama-se este fermento, beju.

Acajulip, vinho da cajuína.  
Mangalip, vinho de mangaba, etc."

### FORMIGA

"Não tem gênero:  
A ruiva e grande que come as plantas, Igwabá.

As que dela nascem com asas que depois exameinem e se comem, Iqa, I. capia, ut Igwipá.

Outras, que das mesmas procedem também com asas delgadas e compridas, que não se comem, esfria.

Outras pequenas ruivas que também comem as plantas e

crim semente na flor da terra, aquegue.

As de agulhão com bespas, taracutiga.

Outras, mopetoca.

Outras que tem as boas e dentes com anzolos (6) de que usam para peixinhos muito pequenos, taeca.

As que admivham a chuva ou saem aantes dela em grande multidão a buscar baratas e outros bichos, guajá.

A branca ou a pintada de preto e branco com pélo como veludo, azucaracá.

As que comem a madeira, cupi.

Outras pequeninas, Itaciba.

### COBRA

"Cobra, Boia, "genero". Suas "espécies" são muitas:

As que matam, jaracaca, boipeba, surucucu, boicuriaria, ibiboca, Ibjára.

A dos cascavéis, Ibibobocas.

A dos corais caninana. Dizem os naturais que se gera nos arcos e é certo.

Belopecanga, Boiebi.

Gibola, grandissima da terra; da agua, maior que todas. Surucu. Engolem araras e venados e toda a madeira caça.

Balega.

Pitanga da agua.

(Continua na pág. 136)



Página de rosto do Vocabulário na Língua Brasílica, de Leonardo do Vale (Edição Plínio Alrosa, 1938).

## Leonardo do Vale, autor do primeiro vocabulário na Língua Brasílica (1591)

(Continuação da página 125): para Angola, arribara à Bahia;

José de Anchieta, Superior da Capitania do Espírito Santo;

Luis da Fonseca, que nesta Congregação foi eleito procurador a Lisboa e Roma;

Leonardo Arminio, que tinha voltado do Rio da Prata;

Francisco Soares, o autor de "Algumas causas mais notáveis do Brasil";

Pero de Toledo, Reitor de Pernambuco;

Fernão Cardim, Reitor da Bahia;

Vicente Gonçalves, Superior de Ihesus.

Deviam vir mais o Pe. João Pereira, Superior de S. Vicente, que não chegou a tempo, e o Pe. Antônio da Rocha, que ainda assistiu ao final da Congregação.

Nesta junta de homens superiores ou professos da Companhia de Jesus, entre os quais alguns grandes nomes do Brasil, estavam-se os assuntos comuns a todos a Província, a benevolência dos colonos ou a malevolênciaalgum, e o que convinha propor ao Pe. Geral e requerer licença. Tais requerimentos chamam-se postulados.

O 10º é este:

"Ut Indorum conversionis per idoneos ministros consultatur, petit Congregatio facultatem ut typis licet excudere Lexicon idiomatico Brasiliensi, Artem sive Doctrinam Christianam eodem sermone conscriptam."

A resposta foi: Ad 10 m Rp.: Probamus quod petitur. Et jam ordinatum est ut imprimitur".

Latim tão claro que quase por si se entende: "A fim de haver ministros idóneos na conversão dos Indianos, a Congregação pede licença para imprimir o Vocabulário da Língua Brasílica, Arte que Doctrina Christianam eadem sermone conscriptam."

A resposta foi: Ad 10 m Rp.: Probamus quod petitur. Et jam ordinatum est ut imprimitur".

Latim tão claro que quase por si se entende: "A fim de haver ministros idóneos na conversão dos Indianos, a Congregação pede licença para imprimir o Vocabulário da Língua Brasílica, Arte que Doctrina Christianam eadem sermone conscriptam."

No pedido não se citam nomes de autores. Como a Arte se verificou ser de Anchieta, quantos viram mais tarde este postulado, conservado em todos os Colégios entre as "Ordens" próprias do Brasil, consideraram que o Vocabulário fosse também dele, e assim o fizeram de Vasconcelos em cuja estreia outros o consignaram e nos próprios, pelo peso destes

até os Indianos se admiravam da sua graça singular. E sobre isto acrescenta, testemunho idêntico e autorizado: "Composito vero illius Linguae optimum, copiosum et valde utille Vocabularium ex quo faciliter est addiscere" (3) — Compõe o ótimo, espesso e utilíssimo Vocabulário daquela língua com o qual é fácil aprender."

Da mesma, pedida em 1582, para a impressão do "Vocabulário na Língua Brasílica", da "Arte" e da "Doctrina Cristã" só teve execução a da "Arte de Gramática" de Anchieta em 1585.

Com a morte do Pe. Leonar- do do Vale deve ter faltado o falso pessoal que costuma unir e dar vida até o final às obras do espírito. Deveria ter iniciado também dificuldades conceituais de caráter econômico no gênero das que acaiu mais tarde Antônio de Araújo, e que o levaram a estagnar no seu Catecismo: "Aos pais dos Padres do Brasil".

O Vocabulário na Língua Brasílica prolongou, porém, e continuou a sua tarefa, passando de mão em mão em cópias manuscritas. E foi o instrumento de aprendizagem das gerações seguintes. Deveriam existir hoje muitas cópias se não se tivesse manifestado a insânia do século XVIII, agressiva e destruidora, contra esses monumentos de uma língua cujo uso foi acostumado por esses perseguidores de "invenção dialógica" (Invenção que foi um dos fatores decisivos da unidade colonial, e, portanto, nacional).

Sobreveiou à agressão o exemplar (talvez mais algum haja, ainda sumido nos Arquivos) copiado em Piratininga, com o ano de 1621, no frontespício, e o de 1622 no fecho. Em 1621 vivia em Piratininga o Ir. Antônio Rodrigues, de S. Miguel. Entrara na Companhia no momento solene da sua festa acadêmica (láures de Mestre em Artes); e concluído o noviciado na Bahia passou S. Paulo a aprender ou aperfeiçoar a língua. Em 1622, segundo data do manuscrito, passou por Piratininga o Pe. Antônio de Araújo, o autor do Catecismo, impresso, da mesma terra de Antônio Rodrigues. Rodrigues poderia ter sido o autor "Síntese de Vasconcelos" dada o passo final e escrever: "Faz Vocabulário da mesma língua".

Cada qual falá certo, entendendo-se como se devem entender: todos os grandes línguas do Brasil no período de 1549 a 1572 organizaram listas ou vocabulários na língua tupi. Como são também Anchieta "faz vocabulário na mesma língua" (Síntese de Vasconcelos). Mas este não é o Vocabulário de que se propôs a impressão. Pero Rodrigues já se deve referir ao Vocabulário em concreto, ao qual também é possível ter passado Anchieta em lhe dar "princípio". Fala apenas em "princípio" de Vocabulário, porque sabe que o "Vocabulário" que se propôs na Congregação, a que é de passagem assistira, era outro e por outro é que Quirílio Caxia, que também estava presente à Congregação como Procurador da Província, e acompanhava o movimento dos estudos tupis, come ouviu na Bahia, do veradeiro autor do Vocabulário, suprirá simplesmente a menção d'este na lista das obras de Anchieta, na primeira biografia que dele se escreveu, e só pouco impressa.

O verdadeiro Autor di-lo o próprio P. Provincial, Marcial Belarmino, que presidiu aquela Congregação. Ao mandar para Roma os papéis referentes a ela, e ao pedido de impressão, enviou também um resumo histórico de 1581, ano em que a 2 de maio faleceu em Piratininga o Pe. Leonardo do Vale. O Provincial apresenta a Leonardo do Vale como companheiro de Nóbrega e dos primeiros Padres, o "príncipe dos línguas do Brasil". Leonardo fala a língua brasílica, diz ele, com tanta perfeição, que

talou no Brasil, benemerência sua inestimável. E se as pessoas não se orientaram definitivamente para onde lhe puxava o coração (para Pero de Castilho), todavia ter-se-ia regozijado hoje, com a quota parte, e grande, que lhe cabe, em evitar que o precioso manuscrito fosse naufragar num arquipélago estrangeiro ou inacessível. Foi para a Piratininga a cuja "Casa de São Paulo", e deixou o autor, ao falecer, nela, em 1591, e donde este igualmente ditaria a cópia existente. São Pedro reconheceu a herança em 1938, e pelo seu Departamento de Cultura e pelo comprovado competência de Plínio Alrosa, ofereceu-o ao mundo, impresso, embora ainda não tivesse o nome de autor. 347 anos depois da morte de Leonardo do Vale, sepultado, com outros muitos ilustres jesuítas e paulistas no chão sagrado da Igreja do Colégio (4).

Lionardo do Vale tinha sido professor da Língua Tupi no Curso organizado na Bahia em 1572. Para o Curso requeriam-se três livros: gramática, vocabulário, e livro de texto, a doutrina. A Síntese inicial, de Pero Corrêa, satisfazia sob o aspecto linguístico, não sob o aspecto formal, doutrinário, que Pero Corrêa não era teólogo.

Leonardo do Vale traduziu a célebre doutrina de Marcos Jorge, que iria depois ampliada, celebrizar-se durante séculos com o título de Cartilha, do Mestre Inácio (Pe. Mestre Inácio Martins); a Gramática era a de Anchieta; Vocabulário que Leonardo do Vale organizara com seus próprios estudos e listas que corriam. Por uma dessas listas chegada até nós, ainda que tardia, "Os nomes das partes do corpo humano" de Pero de Castilho, não é inverossímil supor que elas representassem segundo o jeito dos respectivos organizadores, grupos de nomes, uma a fauna, outro a flora, outro a geografia, outros ainda usos dos índios, verbos, noções abstratas, a forma elementar de toda a aprendizagem prática. E depois, pouco a pouco, se limaram e reorganizaram os vocabulários alfabeticos, dentro da sua categoria, como são realmente os de Pero de Castilho, dois vocabulários, tupi-português e português-tupi. (5)

A todos as listas organizadas até ao seu tempo pelos Padres da Companhia e que teriam chegado às suas mãos, e as organizadas por ele próprio, deu Leonardo do Vale a coesão indispensável, a catalogação alfabética geral e as transformou, por necessidade de magistério, em Vocabulário em regra. Há em todas estas obras didáticas, Gramática, Doutrina, Vocabulário, um elemento de caráter coletivo, pois corriam manuscritos e consta que foram chamados a pronunciá-los sobre das grandes línguas do Brasil, antes de se darem aptas para a impressão definitiva.

Não eram muitos esses "grandes" línguas. No Catálogo de 1574 indica-se o grau de conhecimento que cada qual tinha do tupi. Os Jesuítas, existentes no Brasil nesse ano, eram 110. Os novos, vindos recentemente de Portugal, não a sabiam al-

guna: os antigos, ocupados com cargos de governo ou com o ensino clássico, filosófico ou teológico, nessas ocupações tinham já em que empregar o tempo. Preclaramente este movimento linguístico visava a que todos, sem exceção, a pudessem estudar, e muitos de fato já a estudavam. Desses não se fala no grupo seguinte:

Leonardo do Vale, grande língua.

Pero da Costa sabe bem a língua.

Gaspal Lourenço, grande língua.

João Pereira sabe bem a língua.

Luis Valente sabe medianamente a língua.

Manuel do Couto, língua.

Francisco Pinto, língua.

Jorge Velho, grande língua.

Afonso Gago, entende a língua.

Baltazar Alvares, língua.

Gonçalo de Oliveira, grande língua.

João Lotario, língua.

Diego Fernandes, grande língua.

José de Anchieta, grande língua.

Manuel de Chaves, grande língua.

Alguns destes, que em 1574 ainda não eram grandes línguas, foram-no depois, como Francisco Pinto, Afonso Gago e João Lobato, com a prática e o estudo. O estudo até nos próprios autores continuou. Para o apuro final na língua brasileira da "Arte", recorreu-se Anchieta às aldeias da Capitania do Espírito Santo; para o apuro final do Vocabulário recorreu-se Leonardo do Vale à Capitania de S. Vicente, fixando-se em Piratininga, na "Casa de S. Paulo", e parece que estava nela no próprio dia da sua inauguração, segundo Simão de Vasconcelos (discutimos é este caso porque não está na lista de 1554: mas Catálogos ulteriores trazem-no como entrado na Companhia em 1553, de idade de 15 anos); em Piratininga estava em 1560; e nela viveu antes de morrer pelo menos 8 anos seguidos, os últimos anos da sua existência que não foi longa.

O fato de ter passado em Piratininga grande parte da vida, e ser a Bahia o limite da sua estadia no Norte, dá o âmbito dos nomes geográficos do Vocabulário, que é esse e não mais. E o seu conhecimento do Sul é de tal ordem, entre os Ihesus e Cananéia, que alguns dos nomes indígenas em vão se buscam em qualquer outro autor, incluindo Gabriel Soares de Souza.

(1) Cf. Sérgio Leite, História, II, 552-556.

(2) Arch. S. I. Romanum, Brasília, 2, 79.

(3) Bras., 15, 373 v.

(4) O Vocabulário da Língua brasílica, manuscrito português, datado do sec. XVII, coordenado a Piratininga, Plínio Alrosa, Vol. XX da Coleção do Departamento de Cultura, São Paulo, 1938. Plínio Alrosa, Apresentamentos para a Biblioteca da Língua Tupi-Guarani, (São Paulo), 1943, 20.

(5) Dêstes vocabulários, com sentido de vocabulários parciais, não gerais, se deve entender a nota que deixamos na História da Companhia de Jesus no Brasil, IV, III.

## Uma apreciação sobre "Autores e Livros"

O Diário de Lisboa, de 6 do corrente, den redigida pelo pa-  
pa do ilustre escritor João de Barros, a seguir à notícia acer-  
ca de AUTORES E LIVROS:

REVISTAS

"AUTORES E LIVROS"

direção de Mário Leão

Recomeçou a publicar-se no Rio de Janeiro a revista "Autores e Livros", dirigida por um dos mais eminentes escritores do Brasil contemporâneo — poeta, romancista, ensaísta, crítico, jornalista e dramaturgo — Mário Leão, atual secretário

geral da Academia Brasileira. O número que temos presente e que só agora, pelo costumeiro, é, aliás, inconveniente arriar dos correios, nos chega 45 dias e de 6 de junho deste ano. Sumário esplendido, em que podemos ler "A Carinha do Herói Vaz de Caminha", a propósito do recente livro de Jaime Cortésão, no qual fizemos já levaras e merecidas referências neste mesmo lugar, acompanhada do retrato de D. Carolina Miseis de Vasconcelos, na reprodução do quadro célebre de Antônio de Figueiredo (pintor brasileiro). "Pero Vaz de Caminha" é (Continua na página 136)

# O Recife de Coral, de J. M. de Heredia

*LE RECIF DE CORAIL*

(HEREDIA)

Le soleil sous la mer, mystérieuse aurore,  
Relie la forêt de couraux abyssins,  
Qui mèche, aux profondeurs des tiefes bassins,  
La bête, épauouie et la vivante flore.

Et tout ce que le sel ou l'iode colore,  
Mousse, algue chevelue, anémones, oursins,  
Couvre de pourpre sombre, en somptueux dessins.  
Le fond vermeillé de pâle madrépore.

De sa splendide écaillie étignant les émaux  
Un grand poisson navigue à travers les rameaux,  
Dans l'ombre transparente indolemte il rôde;

Mais, brusquement, d'un coup de sa nageoire en feu,  
Il fait par le cristal mordre, immobile et bleu,  
Court à un frisson d'or, de nacar et d'émeraude.

III

*RECIFE DE CORAL*

(SILVIO DE ALMEIDA)

Sob o profundo mar, o sol, estranha aurora,  
Dos corais da África a floresta ilumina,  
Onde estamos a ver, qual em morna piscina,  
Os peixos animais e a luxuriante flora.

E tudo o que do sal ou do iodo se cova,  
Musgo, anêmona, ourico, alga cresta e marinha,  
Variamente debuxa a sombra purpurina,  
No polipeiro branco que no fundo mora.

Um tordo peixe enorme, entre entrela os ramos,  
Naquela semi-luz escamas recama,  
Umas vésperas spaga, outras vésperas desfralda.

E assim a barbatana em fogo ele projeta  
No cristalino azul da água parada e quieta  
Um arrepiado de ouro e pérola e esmeralda.

IV

*A MADRÉPORA*

(ALBERTO FARIA)

Dentro do mar o sol, maravilhosa aurora  
Ilumina o brechial de abissinos corais,  
Que mescla, à tepida dos telos abismais,  
A floriente fauna e a luxuriante flora.

E tudo quanto o sal, quanto o iodo cova,  
Musgo, anêmona, ourico e algas filamentais,  
Cobre, a purpura escura, em linhas triunfais,  
O sol rendendo chão que o polipo elabora.

Estremales a apagar da escama resplendente,  
Entre os ramos navega um peixe senhoril,  
Ela que moroso vaga a sombra transparente...

Mas, pronto, a barbatana em fogo ele desfralda  
E no imoto cristal do esmaceido anil,  
Acende um tremor de ouro e nacar e esmeralda.  
(Aérides, 18.)

V

*RECIFE DE CORAL*

(FREITAS GUIMARÃES)

Dentro do mar, o Sol, qual misteriosa aurora,  
A floresta baixou de abissinos corais,  
Que no fundo reuniu dos líquidos cristais,  
A fauna fluorescente e a paipitante flora.

E tudo quanto o sal ou o iodo colora,  
Musgo, anêmonas, algas e outros vegetais  
De purpura sangrenta, em desenhos reais, (1)  
Da madrêpora tingue o núcleo que decora.

Da rutilante escama os esmaltes velando,  
Um grande peixe vai entre os ramos vogando,  
Na transparente sombra, em giros, sem rumor:  
E com um golpe da cauda, em brusco movimento,  
Revêtemos espalha, apenas um momento,  
De nacar, da esmeralda e do ouro, em derredor.  
(Magníficos, sumptuosos.  
(Autores e Litros. 7-8-9-10).

VI

*RECIFE DE CORAL*

(OLEGARIO MARIANO)

O sol, dentro do mar, em misteriosa aurora,  
O profundo brechial do coral ilumina;  
Mesclando, ao fundo da beira emeraldina,  
A fauna fluorescente e a luxuriante flora.

E tudo que de sal e de iodo se colora,  
— O musgo, a actinia, ourico e a pobre alga fransiva  
Põe desenhos tristes de sombra purpurina  
No chão rendendo a que o polipo se incorpora.

Apagando o esplendor da espuma friada, passa  
Um peixe a navegar na trama que se enlaça  
Ora às águas alia, ora às águas desfralda...

Súbito agita em leque a barbatana enorme,  
E à tons do cristal da água manas que dorme,  
Corre um frémite de ouro e nacar e esmeralda.

VI I

*RECIFE DE CORAL*  
(SEVERINO MONTEIRO)

O sol — dentro do mar, como encantada aurora,  
De abissinos corais a floresta alumia.  
E mescla, ao fundo azul da bacia bacia,  
A fauna vicejante e a deslumbrante flora.

E tudo que de sal ou de iodo se colora,  
Musgo, anêmona, ourico, alga leve e macia,  
Em desenhos sutis de purpura sombria,  
O verminado chão dos polípos decora.

Ofuscando o matiz da cintilante escama  
Um grande peixe vaga entre a frondosa rama  
E molemente cruza a sombra transparente;

Mas, súbito, sacode a vigorosa espalda  
E, ao choque, no cristal, quieto, morno e luxuoso,  
Corre um frémite de ouro e nacar e esmeralda.

VIII

*RECIFE DE CORAL*  
(OCTAVIO RIBEIRO DA CUNHA)

Dentro do mar o sol, misteriosa aurora,  
Do abismo de corais em floresta alumia,  
Onde, na profundas da sépida bacia,  
Se une a vida animal a vicejante flora.

E tudo que de sal ou iodo se colora,  
O musgo, a actinia, o ourico, a alga peluda e irisa,  
Num desenho pontoso a purpura sombria,  
Da madrêpora crespa o alto fundo decora.

Extinguindo o fulgor do esmalte das escamas  
Um grande peixe vai navegando indolente.  
Na penumbra sutil move o corpo entre as ramas;

E em impulso que a vives barbatana resculda,  
Far correr no cristal fosco, azul e dormente,  
Uma centelha de ouro e nacar e esmeralda.

IX

*RECIFE DE CORAL*  
(LUCIO MESQUITA)

Sob as ondas, o Sol, misteriosa aurora,  
Dos corais ilumina a floresta esplendente,  
Onde a vivida fauna e a pulpitante flora  
Na abissos solidão jazem profundamente.

Tudo aquilo que o sal ou o iodo colora  
— A alga, o ourico, o musgo, a anêmona indolente —  
Cobre em purpura e cítria o abismo em que somente  
O rude polipeiro é que viceja e mora.

Da escama deslumbrante os brilhos ocultando,  
Agora vem um peixe e magestoso e enorme  
Passa na sombra, e vai entre os ramos nadando.

Subito, a barbatana esplendida desfralda  
E faz correr no azul cristal da água que dorme  
Um relâmpago de ouro e nacar e esmeralda.

X

*RECIFE DE CORAL*  
(MARIO LIMA EIRO)

Sob as ondas o sol, misteriosa aurora,  
Dos corais da África a floresta alumia,  
Onde se mescla na fundissima bacia  
A fauna fluorescente e a vicejante flora

E tudo o que com o sal ou com o iodo se cova  
— O musgo e a anêmona, os ouricós, a alga esguia —  
Cobre em desenhos de uma purpura sombria  
O chão vermiculado em que o polipo mora.

Da escama esplendida os esmaltes apagando z z z  
Um grande peixe vem nas águas navegando.  
A translúcida sombra atravessa, indolente;

Subito, a barbatana em fuso abre e desfralda,  
E faz no azul cristal imóvel e dormente  
Correr um tremor de ouro e nacar e esmeralda.

XI

*O BANCO MADREPÓRICO*

CARLOS BRANDAO

O sol, do equinoco abrindo ao fundo, numas auroras  
Misteriosa, ilumina a selva emaranhada  
De abissinos corais, que enlaça a extraña flora,  
A vicejante fauna, exótica e ignorada...

Do oceano, tudo quanto o sal ou o iodo cova,  
— Algas, o ourico, o musgo, a anêmona delgada.  
Em sumtuoso desenho & purpura, decora  
A madrepórica ideal, branca e vermiculada...

Desmaiando o brilhante esmalte das escamas,  
Um peixe a deslizar entre as esguias ramas,  
D'água, o tranquilo espelho, indolente, respalda...

Brunco, movendo no ar a cauda fulgente,  
Paz, no morno cristal, azul e transparente,  
Correr um friso de ouro e nacar e esmeralda...

("Revista Americana" de Jan. de 1918 — Pág. 79)

XII

*O BANCO DE CORAL*

ALVARO MARTINS

Sob as vagas, o sol — misteriosa aurora —  
Ilumina a montanha imensa de corais,  
A floresta sem fim de estranhos vegetais,  
Os monstros do Oceano e a resplendente flora...

E tudo aquilo quanto o iodo e o sal colora  
— Algas, anêmonas, musquedos radicados,  
E, rendilhados, faz, em traços sumtuosos,  
No fundo a pôr-ear de branca madrepórica.

— Brilhando à morna luz o esmalte das escamas,  
Dos outros vegetais, por entre as verdes ramas,  
Em curvas, indolente, um peixe enorme passa;

E, elétrico, roçando a luminosa espalda,  
Subito, no cristal, com a barbatana traça  
Um relâmpago de ouro e nacar e esmeralda!

Ceará.

("Almanach Popular Brasileiro - Ano 1900 - Pág. 261)

## N O T A

Acima da tradução de Alvaro Martins, escreve Alberto Faria:

"Pouco depois, Alvaro Martins apresentou um mero décalque desse (refere-se à tradução de Teófilo Dias) empolpado por consoantes fantásticas, a macularem-lhe a língua, tal como madrepóra e colara. Não merece ser transscrito sequer".

(Aérides, pág. 9)

(Veja AUTORES E LIVROS, n.º 9, de 10 do corrente)

## Dois poemas de Virgilio Moojen de Oliveira

I

### Meus dias sem você...

Meus dias sem você... são como aquelas  
longas noites de inebriação e de aonia,  
em que as obras se arrastam na apatia  
envolvendo a espera. E, para encobri-las,

recordações... não poderei detê-las,  
é a lembrança constante e doentia,  
a lembrança que doi, que suplicia,  
como um brazeiro vivo dentro delas.

Meus dias sem você... são como as noites  
batidas pela fúria dos açoites  
de uma grande tormenta. E, em realidade,  
é a revolta incontida dos sentidos,

só meus olhos, meus lábios meus ouvidos,  
assassinos, como eu, pela saudade...

II

### Insônia

Horas longas de tortura,  
no silêncio dos ruídos que morreram.  
Horas negras de inquietude,  
no vazio das coisas que pararam...  
Horas vivas de angústia,  
na impassível frigidez da noite morta...

O coração se agita.  
Sente que é o momento  
das confidências íntimas...

Quer falar de amores.  
Quer falar das mágoas,  
quer falar das dores...

E na calada lúgubre das trevas,  
o eco das palavras mudas  
far vibrar,  
na indúria do mundo inanimado,  
um silêncio dorido,  
um silêncio cansado...

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXV - AGRIPINO GRIECO

CAPICÚMICA



Agripino Grieco, em uma charge de Alvaro

Agripino Grieco nasceu na Paraíba do Sul Estado do Rio, a 25 de outubro de 1888, e é filho de Pascoal Grieco e de Rosa Covello Grieco. Fez os primeiros estudos com o casal José Geraldo Pereira de Menezes e no Mosteiro de S. Bento. Inscreveu-se por concurso, funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, tendo ali tido como companheiros Luiz Carlos e Pereira da Silva. Foi auxiliar de Gabinetes dos ministros da Viação Vitor Rondon e Marques dos Reis; professor da

### BIBLIOGRAFIA DE AGRIPINO GRIECO

Anfôres — 1910 — Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Escritores munitados — benjamina de Aquila — Rio — 1915, 178 pgs.

Contos: os seguintes contos: O Fauno — Mde — A Mulher e o Pálio — Crepusculo de Outra — Lembrança mortal — O Último dia de Rogério — Datas rúdas — Arlia Eterna — O Vagabundo.

Fetiche e Fantoches — Ed. Liv. Schettino — Rio, 1922.

Capadores de símbolos — (Estudos literários) — Grande Livraria Leite Ribeiro — Rio — 1923 — 947 pgs.

Contos: estudos sobre Peretti da Silva, Theo-Pilho, Ronan de Carvalho, Instituto de Ataíde, Hermés Zortes, Inês Ferraz, Luiz Carlos, J. Geraldo Vieira, Raul de Leon, Renato Almeida.

Erotismo da Poesia Brasileira — Ariel — Rio — 1923, 279 pgs. in 8º.

Profusão da Prosa Brasileira — Ariel — Rio, 1933, 280 pgs. in 8º.

Vivos e Mortos — Schimdt — Rio, 1931, 230 pgs.

Gente nova do Brasil — Adolfo José Olímpio — Rio.

S. Francisco de Assis e o poeta criollo — Ariel — Rio — 1933, 224 pgs. in 8º.

Estrangeiros — série de estudos sobre figuras e fatos da literatura estrangeira — Ariel — Editora — Rio, s. c. (1935), 484 pgs. in 8º.

Perdidos... — Clm, Brasil

História da Literatura na extinta Universidade do Brasil. Em 1935, integrando uma Comissão de escritores brasileiros, esteve em visita a Buenos Aires. Visitou depois, Roma, onde teve ocasião de ser recebido por Mussolini.

Foi um dos diretores do "Mundo Literário" (com Perreira da Silva e Then-Filho) e um dos diretores do "Boletim de Ariel" (com Gastão Cruls). É colaborador do "O Jornal", tendo em certo tempo substituído ali Iristao de Azevedo, na coluna de crítica literária.

### ALGUMAS FONTES SOBRE AGRIPINO GRIECO

— Barros, Jaime de — O Demônio da Sátira — Espelho dos Livros.

— J. A. F. — Poesia cristã — "Fé e Vida" — Rio.

— Pérez, Assis — Epólio de Agripino Grieco — A Voz de Minas — 30-8-1939.

— Leão, Mário — A margem de um crítico — "Gazeta de Notícias".

— Perolas — "Jornal do Brasil" — 3-12-1937.

— Lopes, Otávio — Carcasses sem glória — Apontamentos sobre Agripino Grieco — 105 pgs., Livraria Boa Imprensa — Rio, s. d. (1938).

— Magalhães Neto — Contos — Agripino Grieco e o Teatro Municipal de S. Paulo — Dom Casmurro — 22-11-1941.

— Moura, Julio — Agripino Grieco, funcionário público — Vamos Ler! — 29-10-1942.

Editora — Rio — s. d. 210 pgs.

— Carcasses Gloriosas — Rio.

— Epistolário — Euchenes vol. 2º, p. 27, (1-3-1940).

— Uma carta a Noronha Santa, a propósito das Memórias de Francisco Gomes da Silva, o Chacá.

Em 1948 a Editora José Olympio iniciou a publicação das "Obras Completas de A. Grieco", incluindo os livros que ilharam acima referidos e mais os seguintes:

— Zeros à esquerda,

— O Sol dos Mortos,

— Romancistas,

— Amigos e inimigos do Brasil.

(Continua na página 130)

## VIAJANDO — AGRIPINO GRIECO

Vou refazer a viagem que fiz tantas vezes à minha Paraíba do Sul, no tempo em que lá ia encontrar pai e mãe.

Um Diarreil tupiniquim costumava dizer-me: "No Brasil só o Rio: tudo o mais é paisagem. E mesmo o Rio...". Mas eu gosto da natureza e não julgo a paisagem do bom Deus inferior a do paisagista Antonio Parreira. Quero conceder-me um prêmio de viagem pelo velha terra fluminense, num fuga pelo campo, esquivando os olhos no verde à maneira de dois animais felizes e livres. Venhamos o mal do Rio, e vicio das multidões. Tomemos o trem.

A plataforma dos subúrbios não tem mais os simples visitantes de outrora, portugueses para pisá-la é preciso bilhete, é preciso ser passageiro, e os funcionários apontadores não podem ir ali espalhar peças de pijama, e as raparigas, sempre estradas pelos calões e pelos bôtes de turistas, não podem exibir-se no bône ou na blusa do conterrâneo, à falta de bone e blusa verdadeiramente militares.

Em Cascadura, vendiam-se umas balas de ovo deliciosas, porque eram mesmo de ovo ou, se falsificadas, falsificadas com o próprio ovo, ao que acentuou velho humorista de passagem por lá.

Em Cascadura, vendiam-se umas balas de ovo deliciosas, porque eram mesmo de ovo ou, se falsificadas, falsificadas com o próprio ovo, ao que acentuou velho humorista de passagem por lá.

Bento Ribeiro evoca um prefeito cuja glória municipal não vai além de rio Pavuna, limite com o Estado do Rio.

Em Belém, não mais se verifica o sofrido "avanço" de outras épocas, quando empregados pouco expeditos nem cobravam os derrubadores de pirâmides de sanduiches, os que se entulhavam a pleno de lô de preço inferior ao do pão de cesteiro. Hoje os caixeiros dessa região de pantanos mostram um ar menos impudico e servem sanduíche e sanduiche na ponta do garfo, e vidrarias cauteleiras defendem os pasteis de carne à semelhança dos vidros que nos museus defendem os pasteis de Quentin de la Tour.

Devemos agora subir muito. Uma hipérbole de montanhas. Tudo grandioso e cacete, levando a pensar nos sermões de Mont-Alverne.

Palmelas: ali desembarcou, há tantos anos um teatro de Medeiros e Albuquerque, a personagem do conto "Um homem perfeito".

Ali lembro-me das vezes em que, indo ver a minha cidade e a minha gente, rejuvélava, apesar da saudade, quando o trem atrasava em caminho, só porque comprava um livro de Eça de Queiroz e tinha ensejo de demorar-me mais com o cidadão miraculoso que foi a língua viva da língua morta de Filinto Elísio. E nunca esqueci a expressão de certo companheiro de viagem por sinal que lusitano, sobre o autor da "Correspondência de Pradique Mendes": "Não sei como um paçoca destes aconteceu" em Portugal...".

Aproxima-se a zona dos rios em "p": Paraíba, Piranhas, Pará, Amazonas, Plataforma.

Em Barra do Piraí residiu o poeta Ovidio Melo, tabelião que possuía um soneto no Igrejão do Laudelino Freire.

Nesta localidade há algumas pontes. Daí alguém apelidá-la de "Venêra fluminense". Certamente faltam os palácios de mármore, mas o cheiro desavassado da laguna, já registrada por Maurice Barrès, achará-o aqui, nos tempos de rapaz, num curtume, à beira do Paraíba.

Barra é ponto dos mais típicos: boa situação estratégica. Entroncamento das linhas de passando por lá, quer de dia, quer de noite, um sujeito magro que parecia roido por incurável amargura. Impressionou-me com esse tipo. Quem seria? Um romântico. Um infeliz que não podia isolarse, que incrível remorso obrigava a locomover-se sempre? Depois vim a saber que o homem era apenas hotelero e ia à estação à cata de hóspedes...

Carlos Niemeyer desfruta o frescor da mata. Ótimo sítio para uma arada, não fossem as cobras. Ou, dadas as cobras, ótimo sítio para um grêmio de poetas da capital.

Andrade Pinto é mutação de Patti. Encontrei em fazenda das vizinhas um político português emigrado, o barbaquido Trigueiros de Martel, surdo como um devedor no dia primeiro do mês. Na localidade residiam parentes do ator Montedonio, que recebeu dos avós o segredo dos espelhos venezianos, segredo agora muito bem guardado numa sepultura do Brasil.

Aproxima-se a formosa Boa Vista, hoje Vieira Cortés. Lembrarei de desse engenheiro da Central. Era um senhor com cara de quem se sente enjoados a bordo. Os grupos em que se metia ficavam com aspecto de velorio. E deram o nome de pessoa tão fúnebre a um dos maiores lindos recantos do Brasil!

Vem agora chegando a Milnau Paraíba do Sul. Chacrinha, Cruz das Almas, onde um marido ciumento afogou a esposa, que o povo ingeniosamente canionizou, chamando-a de Santa Josefa e erguendo-lhe uma capela em que se rezavam constantes ladinhas; a Porteira. Subiram a preços médicos onde a gente via de que cor eram as Aspasias e as Princípios dos nossos sonetistas parnadianos.

Aí está, finalmente, a minha cidade, ai estava, há vinte anos passados, alguém, na estação, de braços abertos, para amarrar o trem de encontro ao peito...

Ficarei por aqui. Sei que já não tenho meu pai, que tudo se despovou para mim: "Un seul être vous manque, et tout est dépeuplé!" Mas vou embreecer-me nas árvores e nas colinas da minha terra. Depois, um pujo à casa do estudo Pedro Gomes da Silva, que comegando gerente de hotel, acabou ensinando história ao Vítor Correia, segundo escreveu espirituosamente o R. Magalhães Junior...

E, uma vez que me encontro no terrão natal, peço ao vigário que me forneça cópia do meu assentimento de batismo. Para quê? Simplesmente para isto: entrar no período das "memórias" e querer sublinhar certas minúcias dos meus primeiros tempos no planeta.

O reverendo Aquafreda, reportando-se à folha 168 verso do livro número V de batizados, da frescula de São Borja e São Paulo, fornece-me a certidão e em suas linhas leio, enternecido, o nome de dois italiani, Pascoal Grieco e Rosa Covello Grieco, pai e mãe de um brasileiro que nunca os olhou. E acho também o nome dos que me levaram à praia de água lustral, Bernardino Joaquim Pacheco e Josefina Matilde Pacheco.

Bernardino, inteligência aguda e incapaz de pacheques, era o primeiro jornalista da cidade.

Mas, diante da certidão, o que mais me impressiona é que ai se chamam, sem intenção maliciosa, de "inocente". O inocente Agripino, nascido a 15 de outubro e batizado a 2 de dezembro.

(Continua na página 138)

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXV - AGRIPINO GRIECO

### OS DOIS ÚLTIMOS CAPÍTULOS DE ISAIAS

## CAPÍTULO LXVII

AGRIPINO GRIECO

Visão de Isaías, filho de Amós, a qual vi sobre o Rio e arredores, nos dias de Prado Júnior, Coriolano e Clementino, dominadores da cidade.

2 Ouvi, ó céu, e prestai ouvidos tu, ó terra; porque fala pela minha boca a voz do Senhor, e o Senhor me assegura que seus filhos, fartamente nutridos por ele, nesta Canaan rica em favores e frutos, se voltaram contra ele.

3 O boi é grato a quem o conduz a um pasto vicioso, e o jumento agradece ao dono a palha e o conforto da mangedoura, mas o povo a quem Jehovah deu os cíamantes de Minas e as carnaubais do Noroeste, esse povo se abre em linduras que inspiram ao Criador o arrependimento de haver-lo criado.

4 Por tódn a parte o pecado, os ricos genuflexos diante do Moloch dos bancos, a adoração aos empilhamentos de imundices, e os homens, rebeldes à leceração, acelam nem repulsa a canga e o cabresto da plutocracia.

5 A capital moderna é uma Ninive com tabernas e hares de vinte andares, é Babel com método Berlitz, e a paródia sacrilega das cruzes de brilhante sobre o calvário escavado do solo de cortezas quinquenáreas.

6 O Senhor dos Exércitos, que asombrava Moysés no Sinai, é hoje menos temido que o ministro da Guerra, e o próprio Moysés, se renascesse, acabaria vendedor de joias ou gerente de casa de penhores, lá para as bandas da rua Luiz de Camões.

7 Os jornalistas, máus succedaneos dos cronistas de Israel, dos analistas das feitas de José e David, levam a seu ruim mercadoria às habitações, de manhã cedo, exatamente na hora em que das selas o lixa para as carroças da limpeza pública, o que não sei se trará vantagem na troca ao dono da casa.

8 E agora esses espalhadores de verdade lembram-se de perturbar as famílias com detestáveis concursos de beleza, paguizando terras de Deus em que sofreram e morreram tantos miseráveis pretos escravos que traçaram os doces nomes bíblicos de Jeremias, Ezequias e Madiquias.

9 Que importam os chás dançantes em benefício de hospitais, os dedos rorados que abolidão o transeunte no dia do flor, os prantos à leitura do último suicídio de Madureira ou da hemoptisea da heroína de Ardel que tosse a sua tuberculose literária num lenço de rendas da Bretanha perfumado a Houbigant? O que eu quero são corações e não lágrimas de vidrilho, quer a esmola oculta, quasi envergonhada de si mesma, e não a caridade elegante, que só se exerce diante de repórteres e de máquinas fotográficas.

10 Sim, a alma de vossa mulheres está manchada pelo demônio do luxo. As saias de hoje são mais curtas que as da antiga Diana Capadora e os bichos de seda em breve deixarão de fliar por falta de freguesas, tanto as adolescentes e mesmo as matronas de hojas evitam embrinhar o corpo em tecidos incomodos, sendo que, quando uma delas sua mangas longas, não é por pudor, mas para esconder algum ecema.

11 O Senhor detesta o incenso desses vassos de abominização e irrita-se ao ver juntarem-se diante dele, em atitude de prece, as mãos que se poluiram no sangue, no ouro e na lascivia, as mãos friorentas que ou se aquecem em luvas de pelica ou nas algébricas do próximo.

12 Ah! este século de carnaval e boxe, de feminismo e sufrágio universal, de vitrolas e adubos químicos, é bem uma curva da morte, um fim de raça, a provocação a um novo diluvio, e desta vez com creacionista.

13 Tempo nefasto em que a palavra Mãe é termo obsceno e faz rir, e provoca protestos do auditório; em que as mulheres são más de romances e poemas e não querem ser autoras de filhos; em que os filhos mal têm tempo de conhecer os pais em casa, quando uns e outros não param nunca, e só vêm a conhecê-los direito numa noitada do Casino ou do Municipal: "Ah! E papai! Supunha-o tão diferente! Emfim, muito prazer em conhecê-lo e sempre as ordens!"

14 Mas, ainda e sempre, o que mais me entristece e enraivece é ver criaturas animadas pelo sopro do óleo do Eden, criaturas destinadas ao amor de um só homem, e talvez à sublime profissão da maternidade, serem, em campeonatos públicos, profanadas pelo olhar.

olhar que despe e mordre, de tantos varões em que há muito de macaco, de bode e de suíno.

15 Não levarei a minha ferocidade ao extremo de aplaudir os tempos em que as filhas de Eva preferiam morrer com um cancro no seio a permitirem o toque dos dedos de um cirurgo que lhes exasperava a pudicícia hereditária. Sofro, todavia, ao pensar que a um académico seu, tecedor de ficções obscuras como o "Album de Caliban", "O Arara" e o "Fruto proibido", contos e novelas que espalham um cheiro ambiguo de sofáfaras, fosse concedido o direito de farejar, de cocalas ou nas pontas dos pés, os contornos e reentrâncias de ingenuas meninas mal saídas da sua aldeia provinciana, do seu casinholo próximo ao Juiz fotografou ou à pensão parabólica. Ingenuas crianças condenadas a retornar a essa obscenidade roceira, humilhadas pela derrota, depois de haverem sido algo de semelhança ao sonhador-acordado que, nas Mil e uma Noites, foi caída de Bagdad apenas vinte e quatro horas...

16 Tentei extrair pelas frases dessa rotundista frascaria, que costuma dizer-se o Último Helebo, apesar da sua cér de grilo torrado e de suas pernas bonitas de seresteiro-gingador do Sacco do Alferez, essa gente gosta de falar muito no "canon" clássico dos gregos, e, ainda agora, as candidatas ao cinturão de ouro da beleza nacional foram vistas em pose no corredor da Escola de Belas Artes, junto a um Venus de Milo em gesso, para estudar-se a provável identidade de formas entre a estátua multilhada de Afrodite e as vassas lindas mag nem sempre harmoniosas patriarcalizadas. E o detalhe da medicação a terra não encerra qualquer coisa de hilariante, fazendo pensar num "banho" de seleção humana, sob as vistos do aferidor de pesos e medidas da Prefeitura?

17 Venham lá falar-me em "maillot"! A meu ver — não fosse em um velho profeta da Palestina barbudo e malrerido, um panfletário ao ar livre, um eterno opositorismo seu jornal — a meu ver, essa mela nudez é muito mais excitante que a nudez completa. Deus fez Eva nua e o Diabo fez o "maillot" de fólias com a esposa de Adão se apresentou aos olhos de Jehovah, depois de enguir a maçã.

18 E, além do tal novelista bíblico, no juri destinado a escolher a miss Brasil, figuraram o pintor Chambelland, com o seu ar sombrio de quem acaba de tomar óleo de ricino por um canudinho de palha, o escultor Cunha e Melo, que foi grande artista no quadriénio em que o irmão Miguel era secretário do presidente Bernardes, e o dr. Leitão da Cunha, varião da minha particular simpática, dada a rispides com que vem remando implacavelmente, na Faculdade de Medicina, sucessivas gerações de alunos avessos à anatomia patológica.

19 Quanto ao pintor Amoedo, é um macrônio das tintas, é tão velho que deve ter convivido com Raphael Sanzio de Urbino, se é que não limpou os pincéis e não preparou a palheta de Parrasio ou de Apelles. Seu talento está para a arte moderna como uma coleção de numismática para o dinheiro correto, que todos os verdadeiros aceitam. E os seus conterrâneos em matéria de plástica feminina ficaram clarissimamente evitados nas mulheres teratológicas com que ele converteu certo trecho do Teatro Municipal em museu de abortos.

## CAPÍTULO LXVIII

Tais os julgadores dêsses certames de indústria jornalística, é tão velho que deve ter convivido com Raphael Sanzio de Urbino, se é que não limpou os pincéis e não preparou a palheta de Parrasio ou de Apelles. Seu talento está para a arte moderna como uma coleção de numismática para o dinheiro correto, que todos os verdadeiros aceitam. E os seus conterrâneos em matéria de plástica feminina ficaram clarissimamente evitados nas mulheres teratológicas com que ele converteu certo trecho do Teatro Municipal em museu de abortos.

20 Navio de Lloyd... Isto vem lembrar-me as cerimônias cívicas a bordo de navas da esquadra, com solene "speech" do comandante e "hurrahs" da marinagem. Cerimônias cívicas que, por seu lado, me recordam a gravidade marcial do major de polícia que acompanhava uma das missas ao Rio, servindo-lhe de ajudante de ordens, ativo e ereto no automóvel como se accompagnasse a própria deusa Bellona em carne e ossos. Ou me recordam o telegrama que uma delas enviou ao seu Estado natal, com um ar heróico de dona Anna

Nery a caminho da guerra do Paraguai, como se isto de estar entre perfumistas, modistas, cabeleiros, manicures, pedicuras e copeiros, num hotel confortável, e sem gastar nada, fosse prova de amazônia da Thracia ou de mulher-soldado das legiões do Caucaso. Quantas rapazelas instivas atropelando-se em frente ao hotel das mães e provando, ainda e sempre, que, neste país, patriotismo, mesmo patriotismo estético, só serve para manifestações de aresco, e estas, por sua vez, só servem para interromper o trânsito.

3 Ah! quanto se vai americanizando, no mau sentido, no sentido yankee, o estúpido mundo deste estúpido começo de século! Onde, já agora, a matrona orna, cuja maior orgulho, constante do seu epitafio, é que sabia fiar lã e dirigir bem cozinha e copa? Hoje, as garotinhas, as curias mal despregadas das faixas maternas, ufam-se dos seus méritos públicos de desmadradoras, de chauffeuras, de nadadoras, de remadoras. Pobres criaturas, que, colhidas pela nevrose do anúncio, da exposição mundana, querem ter dois sexos e acabam não tendo nenhum...

4 Um mestre de validade, eis o que foi em conjunto esse mostruário, anatônico, talvez comparável ao dos modelos vivos dos grandes costureiros para senhoras, de Paris. A rigor, qualquer exposição de cereais ou de legumes é cem vezes mais útil, mais inteligente e, ao menos para os vegetarianos, muito mais apetitosa.

5 Jornalistas! Misérias almas de estopa e de estatto, gente para a qual a manhã de Deus jamais ralará! Que de ambições e esperanças não semearam esses senhores de joão na credulidade quasi infantil das vinte concorrentes, sem pensar que, de regresso, há de pesar-lhes a mediocridade dos namorados e dos baileiros de província, e que é assim que se formam as descontentes, as derrotistas do lar burguês, as subidadoras românticas que repelem as pretensões idílicas do cartório ou do agente da estação, só porque esperam pelas riquezas imaginárias do marquês de Carabas ou pela aparição miraculosa de Haroun-al-Raschid.

6 Bem me lembro, a esta altura, do versículo 16 do capítulo III do meu livro de profecias, quando zurzi "as filhas de Sião que andavam com o pescoco empreado, fazendo acenos com os olhos, e andavam como dançando e cascavando com os pés". Trecho esse que, aliás, corre mundo, em centenas de edições, sem que os editores se dignem de pagar um só vintém as suas possíveis herdeiros. Trecho que Baudelaire, poeta católico, parafraseou numa das suas poesias mais famosas, quando disse da respectiva bem-amada, por sinal que era preta, a preta Joanna:

Même quand elle marche on croirait qu'elle danse,  
Comme ces longs serpents que les jongleurs sacrés  
Au bout de leurs bâtons agitent en cadence...

7 Não é, porém, aí que quero chegar. Quero, sim, acentuar que Deus, mais tarde ou mais cedo, castiga os que pecam pelos olhos, os que se repastam na própria beleza, os Narcisos de calgas ou de salas. E ai então das bonecas desdenhosas que se apropõem destinadas à beleza vitalícia de Nínus de Lençóis, a despor, como Esther, o rei Assuero, ou a suceder a uma Aling de opereta no rendoso cargo de rainha de Trébisonda.

8 Ai deles! O Senhor tornará linhas ou calvas as mais lindas cabeças, partirá os colares de lanterjulas, romperá os ornatos de europeus e pequisqueiros, arrirá nas faces sulcos de rugas para que as lágrimas escorram melhor, fará levar as joias ao Monte de Socorro, que as recusará por serem de plaqüé, e dará aos vestidos uma velhice tanto mais triste quando mais belos e suntuosos forem eles.

9 E nesses dias de crepusculo, a debandada dos admiradores, ver-se-á que não deixou de haver algo de profético no gesto do diretor de uma companhia italiana, com filial aqui no Rio, ao remeter à miss triunfante uma apólice de seguro contra possíveis acidentes. E a soberana destronada terá, já então, ensejo de, a um canto da sala em que se velaram todos os espelhos, num ato de respeito à formosura extinta, folhear melancolicamente o volume da "Cura da fealdade", do dr. Renato Kehl, que, segundo me informam, o sr. José de Mattos, da livraria Quaresma, vei gentilmente oferecer à vencedora do concurso...

(Vivos e Mortos)

## JOSE' ALBANO      AGRIPINO GRIECO

José Albano, o autor das "Redondilhas", afirmava a cultura na elegância.

Venho de falar em elegância. Muito se tem abusado deste vocabulário num país que vive a copiar as modas europeias, as da indumentária como as de moda. Quantos homens haverão entrado nos verdadeiramente elegantes, dignos de competir com o onde d'Orsay ou com o duque de Palmella? O que se vê por aqui é muita fazenda cara e bem talhada em desfigurações cabides ambulantes.

De mim para mim, só me recordo de ter defrontado um normen cuja distinção de maneiras me fazia pensar nos leões do Segundo Império francês ou na Espanha cavalheires-

ca das sombreiros: emplumados, das gargantilhas e dos punhos de rendas. Foi, exatamente, o poeta José Albano, que eu encontrei à porta da livraria Giarré, há quase dois anos, com uma cabeleira que esvoava sob o halo negro do chapéu de abas largas, com uma gravata de falso mal compilado que uma operação absterior, um monoculo, inanquilavel que nem um tremoroto acarriava e uma bengala flexível, de aspecto misterioso, levantando a varas dos desconfortos de tontos subterrâneos. Esse intelectual sabia envergar a casaca ou a sobrecasaca, sabia andar na rua, sabia rir, sabia conduzir-se num salão. Metendo nas barbas de mago

chaldáico umas mãos de carneiço moço, gostava de conversar e sua conversa era um folhetim, um apodelterio; ouvinho-o, tinha-se a impressão de ver essas acrobacias que atravessam num salto arcos de palco em chamas, e, quando ele nos falava de sua virgindade, era como se fizessemos um livro de figuras ou como se nos desenquermos sobre uma carta geográfica.

Apesar de nunca perder a ilusão do traje e das palavras, amava o Lazarionismo espiritual dos poemas e teve uma vida emboraçada por mil complicações. Intimamente, era um triste, era um dos tais que nascem com uma chaga no coração. Por isso, há um sabor

chaldáico umas mãos de carneiço moço, gostava de conversar e sua conversa era um folhetim, um apodelterio; ouvinho-o, tinha-se a impressão de ver essas acrobacias que atravessam num salto arcos de palco em chamas, e, quando ele nos falava de sua virgindade, era como se fizessemos um livro de figuras ou como se nos desenquermos sobre uma carta geográfica.

As Minas Leão,

com a admiração e  
uma reverencia de

*Agripino Grie*

Rio, 4.11.32

Autógrafo de Agripino Grie

Este doçura metódica versos  
reveladores de uma sensibilidade  
de que vibrava no tumulto, to-  
que, versos que valem por mu-  
(Continua na página 136)

# A VIDA DOS LIVROS

**BAZETTO-LIMA** — Triste fim de Policarpa Quaresma — Gráfica Editora Ltda., São Paulo, 1948. 197 pag.

Os romances de Lima Barreto atingiram já aquela difícil região da eternidade consagração, da plena e incontestável glória. Sabemos que aqueles são livros clássicos de nossa literatura. E percebemos que sono para elas a hora das edições perfeitas, ornadas das erudições notáveis dos comentadores mais capazes, valorizadas pela escolha do melhor papel, do mais belo material tipográfico... A edição que agora a Gráfica Editora Brasileira nos dá o *Triste fim de Policarpa Quaresma*, embora não traga ainda as anotações sábias nem as comentárias sutis, já revela que se criou para Lima Barreto aquela *eternidade* de carinho apimentado, que só merece ter os autores definitivamente incorporados à glória e à celebração.

Pobre Lima Barreto, sempre em viva desdenhosa pelos literatos profissionais, sempre ferido os preconceitos e as convenções burguesas! Quando imaginaria de ver-se na posição em que se acha hoje — a de ser um bom negócio para as livrarias, a de ser um centro de admiradores entusiastas para os leitores?

Os principais romances de Lima Barreto são a trilogia *Memórias do Escrivão Isaias Caminha*, *Triste fim de Policarpa Quaresma* e *Vida e Morte de J. M. Gonçaga de Sô*. Nesta trilogia, cada número tem o seu característico especial, e só pelos ditames de um gosto pessoal será possível dar o primeiro lugar a um ou o outro. *As Memórias de Caminha*, é um romance à clef, a crônica de uma redação de jornal, e nela cada personagem fictício corresponde a uma figura viva. Tem assim, as vantagens e os desfazes (estes naturalmente são muito mais numerosos do que aquelas) dos livros do gênero. *Vida e morte de J. M. Gonçaga de Sô*, que foi o último trabalho de Lima Barreto, é um romance filosófico, de tom intimo e introspectivo, e se apresenta com certas novelas de Anatole France e de Machado de Assis; é, a nossa ver, o mais belo momento de toda a obra do romancista.

Entre os dois coloca-se *Policarpa Quaresma*. E, por assim dizer, o mais romance dos três. Quer dizer, é aquela em que a narrativa se acha mais equilibrada, aquela em que a paisagem se acha melhor traçada, aquela em que se novem mais verdadeiros seres humanos, já sem falar de Floriano, que Lima Barreto nos pinta ao vivo, alguns tipos aqui existem

que, com o tempo não se irão tornando cada vez mais conhecidas e familiares aos leitores, por exemplo, excessivo, em seu inconsequente patriotismo, achando que tudo no Brasil é perfeito, e caminhando para aquele estranho declínio no qual chegava ao extremo de querer decretar para o nosso país, como língua de uso comum o oficial, o tupi-guarani.

O de Ricardo Coração dos Outros, sempre com um violão nas mãos; o do Dr. Armando Borges (o marido de Olga, a doce alílada do Major Quaresma...)...

Este dr. Armando Borges deve ficar como o herói representativo de certa classe de literatos. Tinha ele o hábito de escrever, em estilo comum, usando os termos que querdesse, e depois disso metia-se pelos dicionários a dentro, a catar palavras raras, vocábulos de aparência estranha, com os quais pudesse substituir os termos vulgares. Obtinha — que ele chamava *traduzir para o clássico* — com isso uma forma literária das mais exóticas: mas ele cria que estava produzindo altíssima literatura. Lima Barreto dava uma pequena ideia de que fosse o vocabulário daquela clássico. O dr. Armando não escrevia incomodar, porém modesto; nem buraco, porém orinado; nem no redor, porém

derredor; nem isto, porém isto; nem grande, porém grande... E adorava as expressões *ao invés*, *empós*, *as rebatinhas*. — Quantos doutores Armando Borges não temos nós conhecido, como esse personagem de Lima Barreto acaba por fixar-se em nosso espírito, como um modelo de certas correntes acadêmicas!

Uma das más humanas do *Policarpa Quaresma* é a da pobre Imenina, a neiva eterna, a que morreu de tristeza e de dor por ter sido desprezada pelo noivo. Eis como Lima Barreto conta o último dia dessa desdida moça: "De quem ela se lembrava com raiva era da cartomante. Iudinha sua mãe, acompanhada por uma criada, tinha conseguido consultar Mme. Sunhá. Com que indiferença ela lhe respondeu: não volta Aquilo docu-he... Que mulher mal! Desde esse dia... Ah!... Acabou de abotoar a saia em cima de corpinho, pois não encontrava colete; e foi ao espelho. Viu os seus ombros nu, o seu colo muito branco... Surpreendeu-se. Era daqui a tude? Apalpou-se um pouco e depois colocou a coroa. O veu afagou-lhe as espáduas carinhosamente, como um adejo de borboleta. Teve uma fraquezza, uma coisa, deu um si e caiu de costas na cama, com as pernas para fora... Quando a vieram ver, estava morta. Tinha ainda a corda na cebola, e um seio, muito branco e redondo, saltava-lhe do corpinho".

Por último é preciso chamar a atenção para aquêle aspecto do *Policarpa Quaresma* que nuns que qualquer outro a este livro dá o grande e revelador lugar que ele tem no conjunto das obras do romancista carioca: é a intensa e permanente preocupação do louco, da loucura, que em suas páginas acha-mos: Filho de louco, Lima Barreto viu bem de perte esse supremo calvário das desgraças humanas. E é na descrição do Hospício de Alenados, é nas reflexões que aquela casa de miséria e dor lhe desperta, que ele compõe as melhores páginas deste romance. Talvez possamos dizer que as páginas que em *Policarpa Quaresma* se relacionam com a loucura são mesmo as mais tristes e as mais doloridas que ele não deu de todo a sua vida criativa Lima Barreto.

**BELMONTE** — *No tempo dos Bandeirantes* — Desenhos do autor, 4.ª edição revista e aumentada pelo autor. Edições Melhoramentos — São Paulo, s. d., 231 págs.

## O papel da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco no terreno da Assistência Social

Um dos mais importantes problemas nacionais, que exigem um grande esforço no sentido de sua solução, é o da assistência às classes pobres.

O Estado de Pernambuco, nesse setor, está na vanguarda dos Estados brasileiros. Enquanto no Brasil inteiro dispõe-se a quantia de Cr\$ 42.000.000,00 em Assistência Social, o glorioso Estado nordestino dispõe, por si só, Cr\$ 15.400.000,00, ou seja, mais de um terço do que se gasta em todo o território nacional.

Dentro do vasto programa de assistência social a ser desenvolvido por aquêle Estado no próximo ano, avulta, com singu-

lar destaque, o plano da construção de um grande hospital, por iniciativa da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco. Segundo nos foi informado, esse hospital — que constará de uma clínica, de uma maternidade e de um ambulatório — terá 300 leitos, para todos os associados e funcionários, abrangendo a edificação uma área total de 9.000 metros quadrados. Será construído no local denominado "Sobrado Grande", no moderno bairro da "Madalena", em Recife, e terá 6 pavimentos.

E esta uma iniciativa digna dos maiores elogios, e estamos certos de que os seus autores receberão o gratitude e o reconhecimento do povo pernambucano.



Koestler: "CRUZADA SEM CRUZ" — O livro do sofrimento e do desespero, que se resolvem na resignação e no heroísmo. Cr\$ 40,00

E. C. von Künheim Leddin: "MOSCOU 1919" — Uma incursão lógica e fantástica no futuro da Rússia e do mundo. Cr\$ 40,00

Koestler: "O ZERO E O INFINITO" — O livro da revelação e da verdade. Cr\$ 40,00

Choromanski: "CIUME E MEDICINA" — Um romance que realiza uma nova fórmula: as paixões eternas descritas e vividas, num estilo absolutamente inédito. Cr\$ 30,00

Zilahy: "OS DOIS PRISIONEIROS" — A obra-prima do célebre escritor húngaro; o livro que comoveu o mundo. Cr\$ 50,00

Aubry: "HISTÓRIA DA FRANÇA" — A história que chega a ser drama que se torna histórica. Cr\$ 75,00

Momigliano: "HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA" — Um maravilhoso passeio pela paisagem ensolarada da poesia e das letras peninsulares. Cr\$ 85,00

Chestakowsky: "HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA" — Um livro que é preciso ler para o conhecimento da alma russa. Cr\$ 75,00

Rivet: "AS ORIGENS DO HOMEM AMERICANO" — As mais modernas pesquisas das origens do homem do novo continente. Cr\$ 35,00

Zingarelli: "TRÊS IMPERIALISMOS EM LUTA" — O mais completo estudo da realidade política atual, num mundo sem paz. Cr\$ 35,00

IPÉ - Cx. Postal, 5521  
São Paulo

Queriam enviar-me, por Reembolso Postal, os seguintes livros:

Nome: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_



# A VIDA DOS LIVROS

1815, de 1870, de 1919 (explica-nos) os franceses de 1947 sentem a necessidade de lembrar os feitos dos seus heróis, a obra de suas antigas gerações...

E, realmente, a história da França é um espetáculo de tentativas, de promessas e de esperanças, mesmo nas horas mais angustiadas. A França tem aberto ao mundo, depois de Roma, todos os grandes caminhos. E há, em seu espírito e em seu gênio, uma garantia de eternidade. Como é feita, essa fascinante alma francesa, para encher de ódios, de intuições de destruição, a alma dos bárbaros, incapazes de sentir os effusões da harmonia, da arte, da cultura, que ela exala?

A *História da França*, de Aubry, inicia-se com as noções essenciais acerca do que constitui o antigo território gaulês, no tempo em que Cesar era senhor do Mundo. Mas essa era — que Aubry estende até o advento dos Capetos — é tratada em síntese, nas trinta páginas de uma introdução. Vêm depois os estudos sobre a Era Pundi, a Era Monárquica, a Era Bourguignon, a Era Democrática. O capítulo final desta última Era intitula-se Hitler e a Rúnia Universal e nos traz até à libertação de Paris e ao general Leclerc (1944). Mas não é essa a última página do livro: a última página de livro é a intitulada — *A Grandeza pelo Espírito*. E nela Octave Aubry dirige um dramático apelo a todos os seus patrícios, um apelo para que tenham coragem e vigilância — as qualidades que não só impedirão que o eterno inimigo, a Alemanha, volte a armarse, como em 1814 e em 1939, lançando trágicas ameaças sobre a própria existência da França.

Dionísio Cerqueira — (Estudo bio-crítico) — Rio, 1948, 43 ps.

Dionísio Cerqueira — o General Dionísio Evangelista de Cerqueira — é um tema vasto, que merece e mesmo exige comentaristas e biógrafos. Mostra-no agora Umberto Peregrino, num ensaio rápido, em que fixa tantos ângulos daquela varão brasileiro. Militar e político, engenheiro e diplomata, geógrafo, memorialista, historiador, escritor — eis algumas das ângulos pelos quais

pode ser vista a sua rica personalidade.

Pondo de lado as outras relações do espírito do General Dionísio de Cerqueira (Umberto Peregrino, não sabemos por que motivo, suprimiu a particular do nome do seu biógrafo), o que nele nos interessa sobremodo é a sua qualidade de escritor militar. Na literatura brasileira ficou ele colocado em um belo lugar, com as suas *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. E nesse vão de estante encontra-se ao lado de autores gloriosos como um Tatiay, com a *Retirada da Lazuaria*, um Rio Branco, com tantos estudos e principalmente os comentários no Schneider, um Euclides da Cunha, com *"Os Sertões"*. Sabe-se — e Umberto Peregrino agora torna a contar — como nasceram as *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. O General Dionísio de Cerqueira que magna parte faltou na campanha, contentava-se, de certo, com ter lido nos campos do Paraguai, e não pensaria a dar forma escrita às lembranças que ainda trazia da luta. Certo dia, porém, começou a redigir umas notas para a revista *Os Anais de Domínio*. Olímpio. Tiveram tanto êxito essas notas que, por insistência de amigos, deliberou o general ampliá-las, dar-lhes forma e consistência de livro. Feito o livro, entregou-o a um editor francês (que é Umberto Peregrino diz não estar identificado). Revia suas últimas provas em Paris, quando faleceu, a 15 de fevereiro de 1919. O livro ficou sendo, portanto, uma obra postuma. E sua 2ª edição só apareceu em 1922, dada pela casa Garnier.

As *Reminiscências* são no mesmo tempo uma narrativa militar, um livro de história, e às vezes mesmo uma obra pitórica. Dionísio de Cerqueira preocupou-se também com o que é pitoresco e documentário, e com observações desse gênero enriquece o interesse de suas páginas.

Achamos no livro de Umberto Peregrino algumas observações dessas, e uma delas é a que se refere à alimentação das tropas. Dionísio mostra a miséria da alimentação do nosso Exército, no tempo do Conde d'Eu: "Os nossos extraordinários eram bolachas duras como tábuas, que poderiam, em caso

de necessidade, servir de metralha; e alguma lata de sardinhas de Nantes, que custavam preços fabulosos...". Acrescenta ele que entre os soldados mal alimentados corria esta quadra anônima:

Osorio dava churrasco  
E Polidor farinha,  
O marquês deu-nos fubá,  
E sua alteza, sardinha.

O biógrafo de Dionísio de Cerqueira procurou fazer com este estudo uma obra não só de biografia, não só de reconstituição de uma vida — mas também um trabalho de crítica, de puro comentador e analista literário. Nesse sentido chama a nossa atenção para algumas passagens em que Dionísio de Cerqueira atinge, pelo eloquência e o calor da frase, um nível realmente literário. Entre as frases que assim põe em destaque, creio que ferirá a imaginação de qualquer leitor aquela página em que o General descreve os perigos da noite quando o nosso Exército se acha cercado de inimigos, e mostra o risco que havia em apenas rasgar um fósforo para acender um cigarro. O General acrescenta: "Todo clarão alumava o caminho da morte".

Não é, realmente, uma imagem forte e expressiva, digna de uma página de Euclides da Cunha?

## AS OBRAS COMPLETAS DE RUI BARBOSA

A Casa de Rui Barbosa, sob a direção do Dr. Américo Jacobina Lacobine, iniciou em 1945 a publicação das *Obras*

completas do seu ilustre patrono, num plano que atingirá a perto de 200 tomos.

Temos, assim, numa grande edição clássica, destinada a se tornar um padrão para os empreendimentos do mesmo gênero, publicando toda a obra do maior e mais complexo dos nossos escritores.

O labor de Rui Barbosa é, com efeito, impossível de ser posto em comparação com qualquer outro. Jornalista, filólogo, jurista, epistemólogo, orador, ensaista, crítico de literatura, crítico de arte, e tudo isso com perfeição, e em tudo isso deixando, em cada página que escrevia, um modelo do gênero!

E com que inacreditável facilidade construía essa obra de gigante! Só a sua lista de impressões — quatro anos em que escreveu cerca de 800 trabalhos em artigos e suíços — fornece para as suas obras completas 18 tomos. E o cálculo do Dr. Américo Jacobina Lacobine.

Quando publicar todas — algumas que estejam todas na rua no ano próximo, a fim de servirem à comemoração do centenário de Rui — essas *Obras* completas formarão um patrimônio de cultura digno dos séculos.

Rui Barbosa dá ao panorama espiritual do Brasil uma importância transcendente. Só por ele sentimos que o Brasil se incorpora às grandes nações literárias do mundo. Por ele só, sentimos que temos o direito de reivindicar para nós um lugar entre os povos de cultura universal. Por ele só, podemos nos sentir em pé de igualdade com gregos e romanos.

nos, com italianos e franceses. Tanto é verdade que basta um grande homem para correr de glória um povo.

Da monumental edição de Rui Barbosa, promovida pelo governo da República, tem saído até hoje os seguintes tomos:

## — OBRAS COMPLETAS, vol. VI.

**VII — 1879. Tomo I — Discursos Parlamentares. Câmara dos Deputados. Ministério da Educação e Saúde. Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1943. 338 págs. II.**

**— OBRAS COMPLETAS, vol. VIII — 1880 — Tomo I — Discursos Parlamentares. Câmara dos Deputados — Ministério da Educação e Saúde. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.**

Traz prefácio de Fernando Neto.

**— OBRAS COMPLETAS, vol. IX — 1882 — Tomo I — Reforma do Ensino Secundário e Superior — Ministério da Educação e Saúde. Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1942 — XXVII — 370 — 11 págs.**

Prefácio e revisão de Tibéri Martina Moreira, professor da Faculdade Nacional de Filosofia.

**— OBRAS COMPLETAS, vol. IX — 1882. Tomo II — Discursos e trabalhos parlamentares. Centenário do Marquês de Pombal. O desenho e a Arte Industrial. Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, 1948 — XXII — 334 págs.**

Prefácio de José Vieira.

**— OBRAS COMPLETAS, vol. X — 1883. Tomo I — Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições complementares da Instrução Pública. Imprensa**

(Continua na página 135)

## HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA



ROBESPIERRE

A "História da Revolução Francesa" não foi feito por um mero historiador. Foi, isso sim, concebido por um filósofo e profeta. Assemelha-se-nos que o período de crítico social, vibrante e arguto, em que Carlyle se revelou, foi apenas uma introdução literária à concepção de sua obra máxima. O estilo vigoroso, os neologismos que empregava, a pitoresca descrição de seus relatos, foram tolhidos para o comentário do mais controvertido sucesso humano. Carlyle parcializou-se — e isto não val demérito algum à obra —, enfimiro-se ao lado dos revolucionários "em carnavalesco completo", e contribuiu para o êxito da revolução. Participa de suas misérias, vive seus heroísmos. Ele faz o coto, ele implanta o Terror, ele lança à cesta com cabeças por dia. Mas ele próprio vence o desabecamento, liquida o coto, e depõe o Terror. Porque o Povo está uno e sabe o que deseja, embora chore a morte de Mirabeau, numa eloquente demonstração de reverência, e mais tarde lhe arrebente o busto do São dos Jacobinos.

A Revolução só poderia ter um comentarista: Carlyle. E Carlyle só poderia ter um tradutor: Antônio Ruas, que soube interpretar os sentimentos da escote e pôde, assim, oferecer aos leitores de língua portuguesa a eloquente descrição de um sucesso eloquente.

## A REVOLUÇÃO FRANCESA

\* \* \*

A VENDA EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS  
OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL  
MAS

EDIÇÕES MELHORAMENTOS  
CAIXA POSTAL 120 B — SÃO PAULO.

## "SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL  
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.<sup>a</sup>

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assumpção

Dr. J. C. de Macedo Soares



# História do Jornalismo no Brasil: Francisco Otaviano

Francisco Otaviano da Almeida Rosa nasceu no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1825. Era filho do médico Dr. Otaviano Maria da Rosa, também natural desta capital, e de D. Joana Maria da Rosa, natural de Maricá. Batizou-se na Igreja do Sacramento, sendo afiliado ao negociano português Francisco José de Almeida e de Nossa Senhora das Dores.

Aos cinco anos estava matriculado no Colégio do Professor Manuel Maria Cabral, na rua do Carmo, hoje Uruguaiana. Aos oito anos e meio começou a estudar latim com o padre Manuel João Alexandre da Silva Pais. E logo estudava outras disciplinas: Inglês com José Luís Alves; francês e história com o Dr. Otaviano Maria; filosofia, com o Padre Soledade; retórica e poética com o Dr. José Vahé; geografia, com Mr. Charles Delamare; italiano com Palletti. Tentou a carreira do Mar, tendo cursado o primeiro ano da Academia de Marinhas; mas a abandonou, dizem que por ser miope.

Aos 15 anos seguiu para São Paulo, afim de ir estudar Direito. Já portava a esse tempo, e só de sua fase acadêmica alguns dos seus trabalhos mais dignos de nota, e em primeiro lugar algumas traduções como as de Romeo e Julieta, que apresentamos aos leitores neste número de AUTORES E LIVROS. Cabe aqui o reparo de que foi provavelmente Otaviano quem pela primeira vez em nosso país traduziu o grande drama inglês. Peço meios até agora não conseguiu encontrar nenhum traço de Shakespeare em nossos poetas, antes do ano de 1843 — ano em que Otaviano o traduziu em São Paulo.

Em 1842 passa pela grande dor de perder o pai, que fôr sempre seu grande amigo, o mestre que lhe inculca o espírito tanto qualidades excepcionais, que o familiarizara com os gênios preclaros da poesia, nas várias literaturas do mundo.

Em 1845 está com o seu curso de Direito terminado. Deixa advogar, e vai adquirir prática no escritório do Dr. F. Inácio de Carvalho Moreira; mas em breve o deixa e vai abrir escritório por conta própria na rua dos Latoiros, hoje Gonçalves Dias. Cultiva o jornalismo, colaborando na *Sentinela da Menarquia*.

No ano seguinte, era conviado para colaborar na *Gazeta Oficial*, fôlha que tinha como diretor o Dr. João Lins Vieira Cananéia de Sinimbu, mais tarde Visconde de Sinimbu. Em

1847, era Otaviano diretor desse jornal. Nesse mesmo ano foi eleito secretário do Instituto da Ordem dos Advogados, e exerceu esse cargo pelo período de nove anos.

Em 1848 esteve em São Paulo, mas ali pouco se demorou. Em novembro desse ano, era nomeado Secretário da Província do Rio de Janeiro, ali ficando pelo espaço de seis anos. Deixou o emprego por se ter incompatibilizado com o presidente Luís Antônio Barbosa.

Em 1853 esteve na Câmara dos Deputados, passando em 1857 para o Senado, escolhido que foi em lista sextupla. Em 1864 recebeu o Gabinete. Furtado à incumbência de substituir na Missão do Rio da Prata o Conselheiro Paraná. Seguiu para ali no ano seguinte, e conseguiu o Tratado da Tríplice Aliança, revelando-se um famoso diplomata. Recusou mais de uma vez ser ministro, tendo tido, entretanto, ocasião de exercer vários cargos na administração pública. Foi membro do Conselho Diretor da Instrução Pública, pertenceu à Comissão de Estatística do Império, fez parte do Conselho do Imperador.

Na sua tribuna do parlamento, na sua tribuna do jornal, esteve sempre em contacto com as ideias e com os movimentos que interessavam à nacionalidade. Foi adversário da escravidão.

Como jornalista, teve atividade fecunda e brilhantíssima. Tendo deixado a *Gazeta Oficial*, passou para o *Jornal do Comércio*, e ali criou um folhetim semanal, intitulado *A Semana* (1852-1854). E a ele, parece, que se deve, no Brasil, a criação do folhetim leve e espiritual, gracioso e sutil, gênero do qual foram mestres mais tarde, um Machado de Assis e um Olavo Bilac, gênero que veio a se transformar na crônica, e que parece desaparecer dos nossos jornais, nos nossos dias. Do *Jornal do Comércio* passou, em 1854, para o *Correio Mercantil* (fôlha que pertencia ao seu sogro, o velho Barreto).

Nessas várias fôlhas, deixou de si o mesmo e eloquente discurso: o de um escritor arguto, gracioso e sutil, o de um prosador harmonioso, o de um atenente, como lhe chamavam os seus contemporâneos.

Francisco Otaviano faleceu nesta cidade, em 28 de maio de 1889.

Francisco Otaviano é patrono da Academia Brasileira de Letras; é patrono também da Academia Caricensis.

## ALGUMAS FONTES SOBRE FRANCISCO OTAVIANO

- Artur Mota, *Revista da Academia*, n.º 94.
- AUTORES E LIVROS, vol. 5.º, n.º 7 (22.8-24.3) — Encerrada.
- Notícia sobre Francisco Otaviano.
- Bibliografia de Francisco Otaviano.
- Os *Cantos de Selma*, de Francisco Otaviano:
- Prefácio de Salvador do Mendonça (carta a José de Alencar);
- II —
- III — O lamento de Coloma (Cântico de Minnowa).
- IV —
- V —
- VI — A nênia do homem forte (Cântico de Ullin).
- VII — O pai em orfandade (Cântico do Arminio).
- VIII — Epílogo.

- Francisco Otaviano, tradutor de Shakespeare:
- I — "Romeu e Julieta". O primeiro encontro.
- II — "Hamlet" — A instituição dos presentes de amor — O monólogo de Hamlet.
- III — "Otelo" — A sedução de Desdémone.
- Nota a Os *Cantos de Selma*. Opinião sobre Francisco Otaviano, de Silvio Romero e João Ribeiro.
- Versos bíblicos. Autógrafo de um soneto de Francisco Otaviano.
- Ferreira de Araújo. Francisco Otaviano, de Fausto Barreto.
- Francisco Otaviano — A mesma letra, de Martim Francisco.
- 28 de Maio de 1859, de Francisco Otaviano.
- A Partida, de Francisco Otaviano.
- Algumas poesias de Francisco Otaviano:
- A Espanha.
- Recordações.
- Estátua.
- Esquecimento.
- Carmo VIII (a si mesmo).
- Condão.
- Flor da Campa.
- Fatalidade.
- Morrer... dormir...
- Ilusões da Vida.
- Na manhã deste dia.
- Para que ver?
- Num álbum.
- Adens à Vida.
- Martirios e Rosas.
- Num álbum de uma donzelha moribunda, na cidade de Santos.
- A meu filhinho.
- Quem sabe?
- Desejos de docente.
- Elói Pontes — Machado de Assis, pag. 71.
- Fernando Neves — A Academia Brasileira de Letras.
- Galeria Nacional, vol. 1.º, pag. 11.
- G. Bellegarde — Traduções e Poesia — Revista Brasileira (Midosi), t. X, pag. 288.
- Hélio Lobo — O Cantor que renunciou as Séries — Revista da Academia, n.º 92.
- Henrique Perdigão — Dicionário Universal de Literatura — 313.
- João Ribeiro — Jornal do Brasil — 2.º, 6.º-226.
- José Veríssimo — História da Literatura Brasileira — 313.
- Laudelino Freire — Revista de Língua Portuguesa — n.º 39.
- Ronald de Carvalho — Pequena História da Literatura Brasileira.
- Salvador de Mendonça — Prefácio aos "Cantos de Selma" (Rev. da Act., n.º 1).
- Sacramento Blake — Dicionário Bibliográfico, III, página 62.
- Silvio Romero — História da Literatura Brasileira — 2.º vol., pag. 709.
- Silvio Romero e João Ribeiro — Manual da História da Literatura Brasileira, 467.

## Bibliografia de Francisco Otaviano

— Odé a Martim Francisco Ribeiro de Andrade — S. Paulo, Tip. da Costa Silveira, 1841 (publicação anônima).

— Intelligência do ato adicional, na parte relativa às assembleias provinciais — 33 págs., in-4.º Rio, 1857 (escrito por inimbiência do governo).

— Carta e tradução do "Sonho" de Byron — como introdução às "Traduções poéticas de Francisco José Pinheiro Guimarães" — 636 pág. — Rio, Tip. Universal de Leemann, 1863.

— As Assembleias Provinciais, ou coleção das suas decretos, avisos, ordens e consultas que se tem expedido acerca das atribuições e atos de tales corporações, seguida de um trabalho em ordem alfabética, feito por ordem do governo. Edição anotada por J. M. Pereira de Vasconcelos (contém a "Inteligência do ato adicional").

— 114 págs. — Rio, Ed. e Henrique Leemann, 1869. — Há segunda edição de 1871.

— O tratado da tríplice aliança — discurso do senador na sessão de 13-1-1870 — 34 páginas in-3.º — Rio, 1870.

— Neve a descessar — introdução ao volume de versos "Vóos icários" de Rozendo Muniz Barreto — XXXII — 398 págs. — Rio, Imperial Antillito Artístico, 1872.

— Introdução aos "Estudos e comentários da reforma eleitoral", de Conselheiro Tito Franco de Almeida.

— Cantos de Selma — com uma carta de Salvador de Mendonça a José de Alencar — (poesias) — edição de 7 exemplares publicadas para D. Epônima Octaviana, F. Octaviano.

— Ferreira de Araújo. Francisco Otaviano, de Fausto Barreto.

— Francisco Otaviano — A mesma letra, de Martim Francisco.

— 28 de Maio de 1859, de Francisco Otaviano.

— A Partida, de Francisco Otaviano.

— Algumas poesias de Francisco Otaviano:

— A Espanha.

— Recordações.

— Estátua.

— Esquecimento.

— Carmo VIII (a si mesmo).

— Condão.

— Flor da Campa.

— Fatalidade.

— Morrer... dormir...

— Ilusões da Vida.

— Na manhã deste dia.

— Para que ver?

— Num álbum.

— Adens à Vida.

— Martirios e Rosas.

— Num álbum de uma donzelha moribunda, na cidade de Santos.

— A meu filhinho.

— Quem sabe?

— Desejos de docente.

— Elói Pontes — Machado de Assis, pag. 71.

— Fernando Neves — A Academia Brasileira de Letras.

— Galeria Nacional, vol. 1.º, pag. 11.

— G. Bellegarde — Traduções e Poesia — Revista Brasileira (Midosi), t. X, pag. 288.

— Hélio Lobo — O Cantor que renunciou as Séries — Revista da Academia, n.º 92.

— Henrique Perdigão — Dicionário Universal de Literatura — 313.

— João Ribeiro — Jornal do Brasil — 2.º, 6.º-226.

— José Veríssimo — História da Literatura Brasileira — 313.

— Laudelino Freire — Revista de Língua Portuguesa — n.º 39.

— Ronald de Carvalho — Pequena História da Literatura Brasileira.

— Salvador de Mendonça — Prefácio aos "Cantos de Selma" (Rev. da Act., n.º 1).

— Sacramento Blake — Dicionário Bibliográfico, III, página 62.

— Silvio Romero — História da Literatura Brasileira — 2.º vol., pag. 709.

— Silvio Romero e João Ribeiro — Manual da História da Literatura Brasileira, 467.

## A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da página 133)

Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1947. XXV — 348 págs. e mais 1 de índice.

Prefácio de Américo Jacobina Lacombe.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVI — 1889 — Tomo II — Queda do Império. Diário de Notícias. Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1948. 517 págs.

Advertência de Américo Jacobina Lacombe e notas de José Camara.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVI — 1889 — Tomo III — Reforma do Ensino Primário e várias Instituições complementares da Instrução Pública. Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1946. 400 págs. e mais 1 de índice.

— OBRAS COMPLETAS, vol. X — 1883 — Tomo II — Reforma do Ensino Primário e várias Instituições complementares da Instrução Pública. — Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1946. 517 págs.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVII — 1890 — Tomo IV — Reforma do Ensino Primário e várias Instituições complementares da Instrução Pública. — Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1946. 361 págs.

Prefácio e revisão de Pedro Calmon.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII — 1891 — Tomo I — Discursos Parlamentares. Emancipação dos Escravos. Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1945. XII — 354 págs.

Prefácio e revisão de Fernando Nery.

— OBRAS COMPLETAS, vol. XVI — 1889. Tomo I. Queda do Império. Diário de Notícias. Imprensa Nacional. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1947. XVII — 371 págs.

Prefácio e revisão de Fernando Nery.

# Album de Guignard



N.º 8 — Ouro Preto — Bairro de Antônio Dias

## As Poesias Completas, de Raimundo Correia

Acabam de aparecer, em uma edição da Companhia Editora Nacional, de São Paulo, em sua coleção "Livros do Brasil", as *Poesias Completas*, de Raimundo Correia, organização, prefácio e notas de Mário Leão.

A edição ficou formada de dois volumes. O primeiro (337 págs.) não é mais do que o vo-

### Uma Apreciação...

(Continuação da página 128) a Pedro Alvaro Cabral e o Frei Henrique Coimbra a caria a D. Manuel II e dume bela fotografia em que os insígnes Mário Leão e Jaime Correia fraternizam em bem visível simpatia a caradagem. Mais o sumário de "Autores e Livros" é riquíssimo. E entre muita e valiosa colaboração, justo será destacar o admirável ensaio, biográfico, de Mário Leão, "Erica, História e Legislação Jornalística", em cujo primeiro capítulo o ilustre pensador estuda moral, conceito e importância da moral, a consciência moral, e em que se defende a recente criação do curso da etiologia de "Ética jornalística".

Poemas, críticas, notícias variadas enchem as restantes dezenas grandes páginas de "Autores e Livros", de que nem uma linha do comentário ou de informação se perde. Faria quem desejasse ter uma visão exata da literatura moderna do Brasil impôr-se a leitura de "Autores e Livros". Vivamente a recomendo aos respeitáveis interessados pela boa animada dos dois países e dos seus escritores e intelectuais.

lume das *Poesias*, organizado pelo próprio Raimundo Correia em 1888, e publicado em Lisboa, quando ele ali se encontrava na representação diplomática do Brasil.

O segundo volume (464 págs.) ficou formado da parte dos livros anteriores à edição das *Poesias* que Raimundo Correia não recolheu a essa coleção. Estão nele encerrados os *Primeros Sonhos* (completo) e as *Poesias de Sinfônias, Versos e Versões e Aleluias*, não incluídas depois em *Poesias*. O organizador da presente edição recolheu a este segundo volume cerca de sessenta trabalhos (as *Poesias Avulsas*) que Raimundo Correia deixara totalmente inéditas, ou que apenas publicara em jornais.

A edição é enriquecida com uma biografia, uma bibliografia, uma minuciosa relação de fontes, tudo relativo a Raimundo Correia. Reproduz, bem assim, os textos originais — que são numerosíssimos — de todas as poesias que Raimundo Correia andou traduzindo de poetas franceses, espanhóis, alemães, etc.

Podemos dizer, portanto, que no Brasil temos agora de conhecer, incorporada definitivamente à grande constelação dos seus clássicos, uma das maiores flores de nossas letras — esse extraordinário Raimundo Correia, que João Ribeiro define um homem de gênio, pondo-o sempre do príncipe Antero de Quental, como exemplo de poesia e de espiritualidade.

## UMA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A primeira parte de *AUTORES E LIVROS* constitui uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no formato regular de livro já abrangeu uns quatrocentas páginas, referentes aos números publicados nesta nova fase. Esses fascículos iriam formar nove dos primeiros capítulos da referida obra. São eles os seguintes:

- I — Pedro Vaz de Caminha — (6-6-1948).
- II — Pero Lopes de Souza — (20-6-1948).
- III — Manoel da Nóbrega — (4-7-1948).
- IV — José de Anchieta — (18-7-1948).
- V — Gabriel Soares de Souza — (18-8-1948).
- VI — Bento Teixeira — (15-8-1948).
- VII — Pero Magalhães Gondavo — (29-8-1948).
- VIII — Fernão Carrão — (12-9-1948).
- IX — Gutiérrez Caxa (26-9-1948).

## Bibliografia de Agrípino Grieco

(Continuação da página 130)

- *Peruano, helenique* — *Dicionário Universal de Literatura*, p. 762.
- *Ramalhete, Giovia* — *Ensaio com Agrípino Grieco* — *Vasco Lort* — 27-7-1949.
- *Kubáro, João* — *Ita, mistérios* — *Estante de S. Paulo*, 18-9-1950.
- *Tratado de Ataide* — *O Jornal*, setembro 1922.
- *Velho Sobrinho* — *Licenciatura biográfica*, primeiro volume.

## Livros recebidos

— *Vasconcelos, José Mauro de* — *BARRO BRANCO* — Instituto Progresso Editorial — Coleção Iguassu, 6 — São Paulo — 1948, 288 págs.

— *E a seleção do Livro de Mês*, em outubro de 1948.

— *Van Jafa — RONDA DOS TEUS OLHOS* — Capa de Ubiratan — Gráfica Editora Aurora Ltda., Rio, 1948, 100 págs.

## Alguns verbetes...

(Continuação da pág. 127)

*Híracus*, que sempre está nos paus e morde de arremesso...

## RAPOSA

*Jagopitanga*, não no parcer nem no ofício.

*Outra Coati*, no parcer, mas não no fiofe.

*Jaguassim*, no parcer e no ofício.

## CARANGUEJO

"Os grandes do mar" — *gum-nunig*.

Os dos mangue, *uya*.

As fêmeas destes, *cunduru*.

Os vermelhos dos mangues,

*aranti*.

Os do mar, que estão debaixo da pedra, *guta*.

Os das duas portas que nem-

pre entram pelo fundo, *cri*.

Têm muitas espécies, *crianca*.

Uma que anda pela praia aguareira.

*Crimiri*, andam nas andas da mar...

*Agnus Scrophulariae* — *Verbum, 1.º*.

## ÚLTIMOS LANÇAMENTOS IPÉ

— *A Primavera*, de Sandro Boticelli, apólogo de arte nas medidas originais.

— *Propedéutica do abdômen*, de Jairo Ramos e Alípio Correia Neto.

— *História da Literatura Imliana*, de Atílio Moniz.

— *Barro Branco*, de José Mauro de Vasconcelos.

— *Três Imperialismos em Letras*, de Italo Zingarelli.

— *Moscou 1939*, de Eric Christian von Kuehne Laddum.

— *História da França*, de Céline Aubry.

— *Ciúme e Medicina*, de Michael Choromanski.

— *Cruzada Sem Cruz*, de Arthur Koestler.

## VIAJANDO...

(Continuação da página 126) zembro de 1888, na matriz de Paraíba, pelo cônego Inácio Félix de Alencastro Sales...

P. S. — Proveitosa a leitura das "Vidas brasileiras de cominicação", de Max Vasconcelos. Ele trabalha bem redigido. Detalhes topográficos, históricos, etimológicos completos. E um pontilhado de felizes notas torcetas.

(O Jornal, 18-5-1945)

## JOSE ALBANO

(Continuação da página 121) e casal vivem ou permanecem o país, versos liso e sonoro como o voo de uma ave. José Albano teve tanto quanto quis, muitas épocas nos últimos dias dias de noite, e até de incerteza, porque poesia recua, mas não é um vaticano.

(Continuação da página 121)